



LASA

Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão

NÚMERO 22 - PRIMAVERA 2024



**3 - FICHA TÉCNICA**4 e 5 - EDITORIAL - **Joaquina Soares**6 e 7 - A LASA - Sessenta e quatro anos depois... - **Francisco Borba****MIRADOURO**8 - Largo José Afonso - **Salvador Peres****PARA UMA ANTOLOGIA DA REGIÃO DE SETÚBAL**9 a 11 - Sebastião da Gama e um guia da região de Setúbal e Arrábida - **João Reis Ribeiro****PARA A HISTÓRIA DE SETÚBAL**12 a 19 - Episódios da resistência clandestina em Setúbal – VI. Um bairro “fulminado de comunistas”? (1936) - **Diogo Ferreira****COISAS DE SETÚBAL E AZEITÃO**20 a 22 - Fran Paxeco: 150 Anos do Nascimento - **António Cunha Bento**23 a 26 - Notas Soltas Sobre Resendes Ventura e As Palavras Que Eu Sou - **António Vilhena**27 e 28 - SERRA MÃE - **Rui Garcia****ARTES**29 a 31 - SER POETA - **António Cardoso Ferreira**32 a 34 - A Beleza da Água - O Museu de Marinha e João Vaz - **Isabel Melo**35 - A “Memória da Água” inspira novo filme de Alberto Pereira - **Salvador Peres**36 a 42 - Serra Minha - Portefólio Fotográfico - **José Alex Gandum****CRÓNICA**43 e 44 - Vilharigues - **José Antunes**45 a 49 - Comemoração dos 50 anos do 25 de Abril de 1974 - **José Aguiar Lança-Coelho****NOTÍCIAS LASA**

50 - Corpos Sociais LASA 2024-2026

51 - LASA publica álbum com as 17 mais antigas fotografias de Setúbal

51 - Candidaturas abertas ao XXIII Concurso Literário "Manuel Maria Barbosa du Bocage"

52 - Participação da LASA nas Comemorações Oficiais do 25 de Abril de 1974

53 - LASA apresentou cumprimentos ao Senhor Bispo de Setúbal

53 - Admissão de novos sócios

54 e 55 EDIÇÕES LASA**56 - ÚLTIMA PÁGINA**



Revista LASA

Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão

N.º 22 - Primavera 2024

Coordenação Editorial:

Salvador Peres e João Reis Ribeiro

Equipa Editorial:

António Cunha Bento, Isabel Melo, Alberto Pereira,
Eduardo Carqueijeiro e João Coelho

Colaboram nesta edição:

António Cardoso Ferreira, António Cunha Bento, António Vilhena, Diogo Ferreira,
Francisco Borba, Isabel Melo, João Reis Ribeiro, Joaquina Soares,
José Aguiar Lança-Coelho, José Alex Gandum,
José Antunes, Maria Helena Mattos, Rui Garcia e Salvador Peres

Imagens de:

António Cardoso Ferreira, António Cunha Bento, António Vilhena, Diogo Ferreira,
Francisco Borba, Isabel Melo, João Reis Ribeiro,
Joaquina Soares, José Alex Gandum, José Antunes,
Maria Helena Mattos, Rui Garcia, Simões Silva e Salvador Peres

Contactos

Sede Social: Praça de Bocage, 48 – 2.º Esq.º, 2900-276 Setúbal

Telefone: +351 265 235 000

Email: lasasetubal@gmail.com

Sítio internet: www.lasa.pt

Imagem de capa: José Alex Gandum

Faz parte integrante desta edição da *Revista LASA* um suplemento contendo o *facsimile* do texto

"A Região dos Três Castelos", de Sebastião da Gama, publicado em 1949.



Joaquina Soares

(Presidente da Direcção da LASA)

Acreditamos que a composição dos novos corpos sociais da LASA eleitos em março de 2024 garantirá o prosseguimento da bem sedimentada intervenção da Associação na área sociocultural, com destaque para a História e herança cultural locais e para a memória identitária de Setúbal, expressa no estudo e valorização do património humano que indelevelmente modelou as formas de cidadania e de coesão social vigentes no território de Setúbal. No ano em curso, esta última vertente de acção da LASA materializou-se na evocação bio-bibliográfica do republicano convicto, professor e viajante intercontinental, Fran Pacheco, na passagem do 150º aniversário do seu nascimento.



Sítio arqueológico do Creiro (Arrábida). Um projecto em construção que irá prosseguir com a activa intervenção da LASA no contexto de ampla parceria. Na foto, a signatária, Carlos Tavares da Silva e José Manuel Mascarenhas discutem o sistema de abastecimento de água ao integrado do complexo romano de produção de salgas de peixe, para exportação por via marítima.

Por forma a melhor estruturar os estudos de História Local, agora na perspectiva de tempo longo, incluindo naturalmente as sociedades sem escrita que habitaram a nossa região, foi criado o *NEC- Núcleo de Estudos Cetobrigenses*, cuja primeira conferência, começando pelo princípio, incidiu sobre os Neandertais da Arrábida, tendo por oradora a Doutora Mariana Nabais. Esta conferência inaugurou um ciclo,

que terá longo percurso, sem data de conclusão, porque verdadeiramente a História é um processo inacabado.



Sítio arqueológico do Creiro (Arrábida). Em primeiro plano, oficina de salgas de peixe. Ao fundo, balneário.

Ampliando o já reconhecido papel desempenhado pela *Revista Lasa* online e pelo concurso literário "*Manuel Maria Barbosa du Bocage*", que este ano completa a 23ª edição, uma nova aposta na promoção do livro, da leitura, das literaturas e comunicação (*Festival Literário*) está em elaboração. Também as artes visuais passarão a integrar a intervenção cultural da LASA, já em 2024.

Assumidamente, novos desafios estão em agenda nas áreas do património arqueológico e ambiental, sendo que a cordilheira da Arrábida constitui o centro do nosso enfoque com a concretização do projecto *Arq-Arrábida*, o qual se propõe resgatar as antigas formas de povoamento da cordilheira, elegendando três sítios emblemáticos de entrosamento perfeito entre natureza e cultura e representativos de dois óptimos cronológicos desse diálogo feliz: a Pré-história Recente, há cerca de 5000 anos, na Pré-Arrábida, com os arqueossítios de Chibanes e Pedrão e a Época Romana Imperial, há cerca de 2000 anos, na Serra da Arrábida propriamente dita, com o estabelecimento de economia marítima do Creiro.



Na sua qualidade de ONGA, a LASA irá dedicar redobrada atenção ao processo de re-industrialização em curso no Município de Setúbal. Não se podem cometer os erros do Passado. Industrializar não se deve conjugar com poluição, contaminação ambiental, degradação das condições de vida da população, mas, pelo contrário, com desenvolvimento sustentável, criação de riqueza e de bem estar social.

Subjacente às acções que se pretendem levar à prática, estão as pessoas que constituem a LASA na sua extraordinária pluralidade, capacidade criativa e disponibilidade de partilha. Para os sócios, a LASA deverá ser cada vez mais um lugar de referência cultural, de sociabilidade, de afectos. Subjacente às acções da nossa Associação, estão os parceiros institucionais, públicos ou privados com os quais pretendemos continuar a trabalhar em rede e paridade. Estão os princípios democráticos do respeito pelas liberdades individuais, pelo direito à diferença e às opções de género, bem como de recusa de fobias, tenham elas as vestes de racismo, xenofobia, idadismo ou outras.



A participação da LASA nas Comemorações do Cinquentenário do 25 de Abril de 1974 afirma os valores atrás enunciados. Sob o tema *contar e cantar o 25 de Abril*, realizou-se no salão nobre dos paços do concelho, no dia 4 de Maio, uma conferência pelo Prof. Albérico Afonso Costa, "A oposição católica ao Estado Novo em Setúbal" e um recital de poesia de *Sofia de Mello Breyner Andresen e Natália Correia*, dita por Virgínia Costa, acompanhada ao piano por Gonçalo Simões



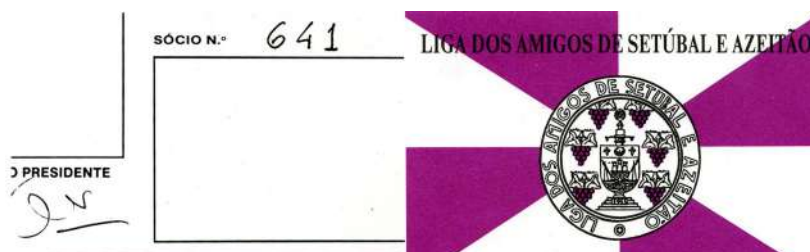
Sessão evocativa do 25 de Abril: *contar e cantar o 25 de Abril para que a memória não esqueça*. Salão nobre dos paços do concelho, 4 de Maio de 2024. A família LASA com o Presidente da Câmara Municipal de Setúbal.
Foto de Simões Silva



A LASA

Sessenta e quatro anos depois...

Francisco Borba



Comecei a ouvir falar da LASA, lá em casa, nos finais de 1959. Envolvido nos primeiros passos da minha vida universitária (um saloio em Lisboa...), guardo uma ténue imagem de como, e com que fins, nasceu esta nossa Associação. Sei que teve um papel preponderante no nascimento do Museu de Setúbal. Só muito mais tarde, muitos anos depois, já no início deste século, acompanhei e participei nalgumas iniciativas sob a batuta do enérgico e saudoso Dr. Maurício Costa, na luta pela reabilitação do Convento de Jesus e pela reinstalação do seu espaço museológico.

Voltei a entrar no limbo, até que, em 2011, regressado ao convívio mais íntimo da cidade onde nasci (reforma dixit), revendo velhos e bons amigos, interessei-me por me associar nesta nossa Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão. Em boa hora! Foi pela mão do Zeca, o José Miranda Andrade, que era nesse tempo da direcção. Bom amigo desde sempre, e companheiro de estudo nos bancos do Liceu, levou-me a visitar a sede na Travessa do Garim. Pude ali apreciar a laboriosa tarefa que ele desenvolvia, classificando, registando e arquivando segundo a sua própria metodologia (por ele criada) todo o espólio e demais documentos de carácter administrativo. Então, durante a visita, pedi-lhe que me propusesse como associado, o que ele fez de imediato com a sua proverbial eficácia. Assim, fui aprovado em reunião de Direcção no dia 11 de Maio de 2011, e foi-me atribuído o nº 641.

Ainda que a alguma distância, passei a acompanhar um pouco mais de perto a vida da nossa Associação, a tomar contacto com a vida cultural da cidade, crescendo em mim um maior interesse em conhecer mais a fundo a história de Setúbal e da sua gente. Afinal, até tinha aqui, ao lado desta cadeira onde escrevo, um enorme manancial que me levaria por aí fora com um entusiasmo e aplicação que até então nunca tinha sentido. E avancei... Livro, exposição, etc.

Até que um dia recebi um telefonema.

- Eng.º Borba?

- Sim, sou eu. Quem fala?

- Machado Luciano, presidente da LASA. Oiça lá, venho convidá-lo para a direcção da LASA. Quero que seja nosso vice-presidente.

Era assim, duma enormíssima simpatia, franco, leal, directo, não tinha entrelinhas no discurso.

- Oh, Sô Tôr, eu...

- Não diga que não. Sabe onde é agora a sede?

- Julgo que sim. Na Praça de Bocage, na antiga Escola da Mestra Carolina.

- Isso mesmo. Apareça cá quinta-feira à tarde. Espero por si. Pode?

É claro que tinha de poder, irrecusáveis que eram os pedidos/ordens do Dr. Machado Luciano... e lá fui. Por muitas razões, entendi que devia aceitar o convite que me tinha feito ao telefone, e começei aí um novo desafio.

Passados seis anos de sã e construtiva convivência no seio da direcção da LASA, acabaria por receber das mãos dele a responsabilidade de coordenar a equipa directiva, o que fiz nos dois mandatos a seguir.

Um novo percurso, um entusiasmo crescente pelas “coisas” de Setúbal, o rever e retomar o convívio com amigos de sempre, nos quais a LASA lhes corre nas veias como o sangue, com um indescritível amor a Setúbal. O descobrir livros, documentos, fotografias de antanho, e o fascínio de lhes dar vida, ressuscitá-los das prateleiras e gavetas de uma velha biblioteca, criada com imenso carinho... Estas vivências despertam a criatividade e depressa vieram à colação novos e velhos projectos, pensando ajustá-los e dar-lhes vida numa época em que a comunicação é global.



A LASA

Sessenta e quatro anos depois...

O integrar uma ONG, com genuínas preocupações, e responsabilidades na área ambiental, um lado que sentindo sempre estar aquém das possibilidades da LASA, que no entanto, cumprindo o seu dever, foi fazendo o que podia - tudo isto foi uma experiência fascinante, que me deixou colado a interesses que ao longo da vida nunca tinha explorado.

Gente nova, na rota de teses de doutoramento, que soube retirar tempo da sua carreira académica, docentes que sacrificaram tempo de preparação das suas aulas e das suas preleções, para estar nas reuniões e colaborar em novos projectos. E lá estavam, os “guardiões do templo”, na LASA desde sempre, cuidando das derrapagens que o excesso de entusiasmo por vezes arriscava, com assidados conselhos e sugestões, para que não se perdesse o rigor histórico, ou lembrando iniciativas adormecidas ou há anos encalhadas na burocracia institucional.

Foi um enorme privilégio coordenar uma equipa com um invulgar nível intelectual e cultural. Gente com mundo e com causas, com quem muito tenho aprendido, em muitas áreas do conhecimento, da história e da cultura e a quem fico profundamente grato.

E não faltaram as generosas ajudas dos colegas, que, de uma forma sempre elegantemente discreta, foram “recolocando” as vírgulas e demais pontuação nos meus textos, escritos sempre ao correr da pena.

Com tantas instituições que saudavelmente em Setúbal foram nascendo nas últimas décadas, dedicadas estatutariamente ao culto dos valores históricos e culturais da nossa região, estava ali o segredo, ou a razão, pela qual a LASA, arriscando ver o seu espaço de acção invadido ou ocupado, continua a navegar com grande dignidade, independência política e espírito de missão, cumprindo laboriosamente os objectivos consignados nos seus estatutos, tendo sabido ajustá-los ao longo das suas seis dezenas de anos de existência, às circunstâncias que o tempo lhe foi pondo no caminho.

É este ADN que explica que, com grande naturalidade, se tenham estabelecido sólidas parcerias, verdadeira e mutuamente frutuosas, com instituições congéneres, com organismos oficiais e empresas privadas, conseguindo cooperação e apoio em numerosas iniciativas. Aqui, é justo e gratificante reconhecer o papel determinante que o poder au-

tárquico tem desempenhado desde sempre, na longa vida da LASA, quer a nível institucional, quer a nível financeiro.

As instituições, como esta, para se manterem vivas e úteis à sociedade, precisam periodicamente de se renovar, para procurar novos élanos. Se não o fazem, correm o risco de adormecer nas rotinas, por vezes numa atitude quase narcísica de se reverem nos próprios projectos, e entram rapidamente em declínio, deixam de ter significado para a sociedade e, mais tarde ou mais cedo, acabam por desaparecer.

Chegou agora, por isso, o tempo de, como se diz na gíria, “passar o testemunho”!

E aconteceu com a naturalidade com que as flores nascem na primavera e as árvores crescem, vivem e morrem ao longo dos séculos. Aconteceu, graças à generosidade de quem quis, com inequívocas provas dadas, entrar a coordenar a equipa, de quem quis sem evidenciar qualquer sacrifício continuar a dar a sua inestimável colaboração, e aos que com grande modéstia perceberam que chegou o tempo de dar o lugar aos mais novos.

A LASA é uma instituição digna e dignificante de Setúbal e da sua região e assim vai continuar, garantidamente, com esta renovada equipa directiva.

É preciso, no entanto, um maior envolvimento e mobilização dos associados em torno dos projectos que forem surgindo. Sem eles, a vida associativa é esvaziada e deixa de fazer sentido.

Por isso, a LASA, pode continuar contar com o nº 641!

Presente!





Largo José Afonso

O Largo José Afonso, pela sua feliz localização e longa história, deveria ser um dos polos mais qualificados da cidade de Setúbal. Infelizmente, não é. A despeito de um desajeitado auditório, sem graça nem préstimo, que lhe construíram junto ao belíssimo lago, que já deu nome ao Largo, o espaço continua a ser um depósito de eventos ruidosos e abaracados.

Não se compreende que, tendo sido afastada dali a centenária Feira de Santiago, com o pretexto de que não fazia mais sentido ter um empecilho ao trânsito e um arraial de carroceis e barracas de bifanas e farturas num dos centros mais nobres da cidade, se autorize, agora, que ali se realizem acontecimentos em tudo idênticos aos da falecida Feira, que, entretanto, se mudou para as Manteigadas.

O Largo deve, hoje, o seu nome a uma figura maior da música moderna portuguesa, o cantor e compositor José Afonso. Mas teve, ao longo da sua história, outras designações. No século XIX, quando o Sado andava perto, havia um extenso areal, a Praia da Saúde, frequentado pelos setubalenses para se banharem nas águas frescas e límpidas do rio. Junto à praia desenvolvia-se um imenso e nobre espaço a que então se chamava Passeio do Lago, mais tarde denominado Parque das Escolas.

O Passeio do Lago era um amplo e muito frequentado passeio público, ladeado por árvores frondosas, concentrando a meio um refrescante lago com uma bela fonte ornamental de onde jorrava a frescura da água. Os passeios públicos eram espaços de convívio das gentes da cidade, que apro-

veitavam a frescura do arvoredo e os murmúrios das águas das fontes para respirarem esses oásis de paz tão necessários para se viver em harmonia com o bulício de uma grande cidade. Américo Ribeiro, o notável fotógrafo setubalense, imortalizou em fotografia a imagem idílica do lago e das áreas de arvoredo que o circundavam.

O Largo José Afonso merece ser olhado e tratado de outra maneira. É tempo de se pensar num aproveitamento mais digno para aquele espaço. É premente levar dali de vez eventos que nada trazem de benefício à cidade e dar ao Largo José Afonso a sua antiga e feliz vocação de passeio público, onde os setubalenses possam usufruir de um espaço saudável e harmonioso na vizinhança do seu Rio.

O Largo poderia transformar-se num espaço de qualidade, respiração, lazer e fruição da cidade e de quem a visita. Um lugar preparado para acolher pequenas manifestações artísticas, onde artistas plásticos e músicos pudessem, em estreito contacto com o público, mostrar a sua arte. Uma zona de lazer para os visitantes e um parque lúdico para crianças. A criação de uma paisagem imaginativa, interactiva e artisticamente trabalhada tornaria o Largo num polo de atracção da urbe, dotando a cidade de uma centralidade que não possui.

Fica o alerta e o desafio a quem de direito.

Salvador Peres





Sebastião da Gama e um guia da região de Setúbal e Arrábida

João Reis Ribeiro



Entre 28 e 31 de Maio de 1949, um fim de semana e o início da semana seguinte, Sebastião da Gama vestiu a pele de guia de turismo para si próprio e visitou as terras da Arrábida num percurso de escrita, de memória e de cruzamentos com sabores e com cultura, atribuindo-lhe o título de “A Região dos Três Castelos” (que se reproduz neste número da revista). O manuscrito de 21 páginas daria origem, em Agosto seguinte, a pequeno opúsculo ilustrado com uma dúzia de fotografias, algumas delas com a assinatura do conhecido fotógrafo setubalense Américo Ribeiro (1906-1992), publicado também em francês (tradução do autor) e em inglês (tradução de Claire Hendrickx) por conta da Transportadora Setubalense (empresa criada por João Cândido Belo em 1925, que, em 1928, transformou em sociedade com dois irmãos). Em Julho de 1950, haveria nova edição do opúsculo em português e, em 1958, o texto seria republicado em edição bilingue (português e francês) em diferente formato.

Além do roteiro devido a Sebastião da Gama, o opúsculo contém, no início, folha desdobrável com “gráfico do circuito turístico da Região dos Três Castelos” para o leitor ou o visitante acompanharem o trajecto à medida que os quilómetros, as curvas ou o texto avançam, e, no final, página com informações úteis sobre a viagem, tais como o horário e os custos - saída de Cacilhas pelas 08h30 e regresso ao mesmo ponto previsto para as 22h00, sendo o preço do circuito de 60\$00 por pessoa, que subirá para 100\$00 se incluir almoço na Arrábida e para 116\$00 se integrar merenda na Quinta das Torres em Azeitão. As quase catorze horas do itinerário levam o passeante por

Santana, Senhora do Cabo, castelo e vila de Sesimbra, Arrábida (Portinho incluído), Setúbal, Palmela e Azeitão (Bacalhoa e Quinta das Torres).

O início do texto não podia ser mais explícito naquilo para que se convida e no que se pede ao viajante / leitor: “Não é aqui nem ali, nomeadamente, é onde quer que começa a ser visto que Portugal começa a ser maravilhoso.” A associação da visão ao encantamento lança o dito visitante num passeio de onde não podem estar arredios os sentidos, primeiras formas de captar o belo que irá ser arquivado pela memória. “Metam-se”, pois, os viajeiros “numa confortável camioneta e venham connosco verificar esta verdade.” O convite tem o seu toque de publicitário ao mencionar a comodidade do transporte e o apelo para uma viagem em conjunto (com o pessoal da empresa, mas também com o roteiro escrito) na busca da prova de que a frase de abertura do texto contém uma universal verdade...

O autocarro arranca e passa por vilas, zonas industriais e comerciais e campo, ponto em que a Natureza converge para saudar os excursionistas - “ulmos e acácias vieram até à beirinha da estrada ver-nos passar” - ao mesmo tempo que se vai afirmando pelo seu rejuvenescimento - plantas que crescem, sementeiras que se desenvolvem, pomares prometedores. Em tão paradisíaco e próspero cenário, a alma do grupo revê-se na animação transferida para a forma de transporte - “a camioneta vai contente, porque é ela que mostra tudo isto, porque vão contentes os que espreitam pelas suas janelas.”



Sebastião da Gama e um guia da região de Setúbal e Arrábida

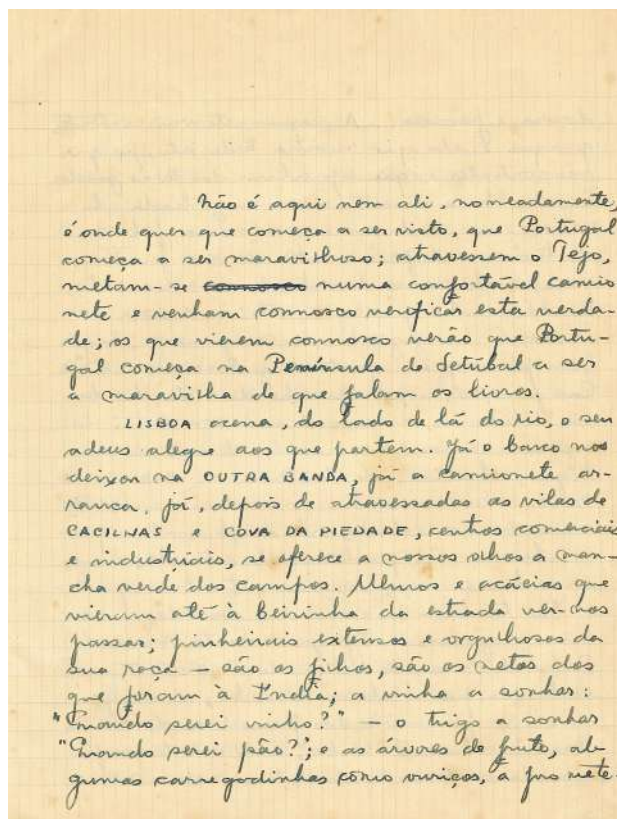
E lá surgem Fogueteiro (com “uma novíssima fábrica de têxteis artificiais”), Santana (“burgozinho de camponeses”, com referência a uma “casinha discreta” onde há “bolos deliciosos, dignos de um convento”), Cabo Espichel (onde se chega por uma estrada “orlada de malmequeres brancos”, animada por “uma ou outra carroça, um ou outro burriquito”, para o qual nem falta a onomatopeia “toc toc toc” à maneira junqueiraiana, e sítio para visitar a igreja e encher “os olhos de Mar e Abismo”) e Sesimbra (com visita ao castelo e à vila ornamentada, “de um lado, de aiolas e traineiras, do outro de barracas de lona”, e uma saudação ao Senhor das Chagas).

O ponto seguinte é a Arrábida, cujo primeiro sinal chega através da visão e do olfacto - “nos primeiros lanços ficamos ela em frente, azul e majestosa; pouco a pouco, começam o alecrim, o rosmaninho, a esteva, a anunciá-la na sua voz de perfume.” Já passará do meio-dia quando o grupo por aqui anda, em trânsito por Casais da Serra, El Carmen e a Serra do Risco, “o ponto mais alto da costa de Portugal”, que, vista ao longe, merece uma descrição rica de metáfora e de pintura: “sobe para o Céu na sua escaldada titânica”, com o “ar de uma onda que avança impetuosa e subitamente estaca e se esculpe no ar”, apresentando o aspecto de “uma onda de pedra e mato, o fóssil de uma onda”. Deslumbrado, anota o guia: “à maravilha segue a maravilha”, forma de superlativizar a beleza. Segue-se a Mata do Solitário e o Portinho da Arrábida, “uma baía que abraça amorosissimamente o mar estático”, ponto onde será o almoço, ali na Estalagem de Santa Maria, instalada na fortaleza, gerida por Sebastião Leal da Gama Júnior, pai do poeta.

Depois, é a visita à Lapa de Santa Margarida (“uma gruta enorme que o mar enche com a sua voz sagrada”) e a Alportuche, de onde os convivas poderiam apanhar um bote para visitar as praias dos Coelhoos e de Galapos, avistando a Pedra da Anicha (cujo nome foi aproveitado por Sebastião da Gama para o pseudónimo Zé d’Anicha, com que assinou colaboração no montijense “Gazeta do Sul”). Seguem os forasteiros para o Convento (onde se “concentra a religiosidade esparsa pela serra”), ponto para o narrador evocar o seu predecessor-mor no elogio da Arrábida, Frei Agostinho da Cruz, que disse a Nossa Senhora viver “nesta Serra do Céu, vossa vizinha” e que calcorreou o monte rasgando “o hábito na aspereza dos carrasqueiros, na ânsia de subir tão alto que visse o Céu de mais perto”.

Prosseguem os leitores pela estrada que corta a serra pelo alto, parando nos mirantes, contemplativos, e ladeando o Outão, passando pela Comenda, praia de Albarquel e chegando a Setúbal (com visita ao forte de S. Filipe, às Igreja

de Jesus e de S. Julião - pelos seus registos manuelinos -, à praça de Bocage, à avenida Luísa Todi e, para haver “uma ideia do movimento piscatório da cidade”, à doca das Fontainhas, e, pelo seu “panorama lindíssimo”, ao miradouro de S. Sebastião). Não partisse o visitante sem satisfazer gostos e outros sentidos, o conselho do guia vai no sentido de obter uma caixa de doce de laranja “para tornar a viagem mais agradável ainda”.



Palmela e o seu castelo, com uma “paisagem deslumbrante e sem fim”, estão a seguir, com uma vila “aninhada entre vinhas e confiante na protecção do seu castelo” e com a “música estranha dos moinhos”, numa evocação do D. Quixote... Por Quinta do Anjo e Cabanas chegam os passeantes a Azeitão cerca das 19h30, com a promessa do moscatel e de “um queijo de ovelha divino”. Pontos de paragem são o palácio da Bacalhoa (justificado pela sua história e azulejaria), a Quinta das Torres (“retiro romântico onde apetece esquecer o tempo”, com publicidade para o ambiente da casa de chá, apresentada como poética e encantadora), as igrejas de S. Simão e de S. Lourenço.



Sebastião da Gama e um guia da região de Setúbal e Arrábida

De acordo com o roteiro, são 21h00 quando a camioneta sai de Azeitão e passa por Brejos, Paio Pires, Torre da Marinha e Corroios, chegando a Cacilhas, “ponto final na viagem”, às 22h00. Não pode, contudo, o guia da excursão parar a sua descrição por aqui e, numa tentativa de prolongar a sensação do passeio, olha para Lisboa, “que parece ter sido invadida pelos pirilampos” e “não tem ciúmes das terras bonitas que fomos ver”, pois “para Lisboa há sempre um lugarzinho no coração e um galanteio à flor dos lábios...”

É de satisfação e de prazer a sensação no final da viagem, graças ao que os companheiros interiorizaram relativamente ao que degustaram da paisagem e ao que visitaram pela memória e pelo caminho da beleza. Sebastião da Gama, que os guiou e acompanhou pela escrita, subscreveria, por certo, aqueles versos de Manuel de Arriaga, compostos quando desceu do Pico, em 1887: “Se Deus nos permitiu que a alma em si contenha / As formas ideais do belo e da harmonia, / Porque se há de prender o homem na atonia / Duma vida vulgar, tão mísera e tacanha?!” Com efeito, as belezas que Sebastião da Gama regista existem também porque o olhar as saber perscrutar, porque viajar é procurar o belo que há no mundo.

“A Região dos Três Castelos” continua um texto actual, apesar das alterações da configuração da paisagem no que diz respeito à intervenção humana entretanto levada a cabo. Embora tenha sido escrito com intenção de promover o turismo na região por uma empresa da região, mantém a frescura do olhar poético de Sebastião da Gama e é uma referência literária sobre a região da Arrábida. Em 1969, duas décadas depois de ter sido escrito e publicado, foi integrado na obra “O Segredo é Amar”, organizada por Matilde Rosa Araújo (1921-2010), que ali incluiu textos diversos em prosa assinados pelo poeta azeitonense; em 1980, David Mourão-Ferreira (1927-1996) reproduziu excertos deste guia no segundo volume da antologia “Portugal - A Terra e o Homem” (editado pela Fundação Calouste Gulbenkian); no final da década de 1990, em data não registada e sem título, a Câmara Municipal de Setúbal, editou o texto em opúsculo autónomo, reproduzindo as fotografias da edição original. Uma sugestão de passeio literário ao alcance do leitor...





Episódios da resistência clandestina em Setúbal - VI Um bairro “fulminado de comunistas”? (1936)

Diogo Ferreira, historiador.

(GABPHC/C.M. de Setúbal e HTC-CFE/NOVA FCSH)

O deflagrar da Guerra Civil de Espanha, em julho de 1936, possuiu sérios e múltiplos efeitos no contexto português no imediato e nos meses posteriores. No campo da repressão política, a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE), a Polícia de Segurança Pública (PSP) e a Guarda Nacional Republicana (GNR) adotaram estratégias conjuntas de afirmação do seu poder opressor, impulsionando uma vaga de detenções políticas de grandes dimensões. No panorama setubalense, o Comando Distrital de Setúbal da PSP definiu, igualmente, um plano de ação de contenção de ameaças oposicionistas. Neste âmbito, o professor Albérico Afonso Costa enquadró o conjunto de prisões políticas ocorridas à beira Sado, no segundo semestre de 1936, como o contínuo “farejar dos indícios mínimos de qualquer atividade” (1) clandestina.

O presente texto dedica-se a abordar uma dessas histórias em pormenor. De como uma mera suspeita promoveu prisões políticas de duração considerável, impactando profundamente a vida dos envolvidos. Tudo começou com o guarda n.º 60 da PSP de Setúbal, António Martins Cigano, em 15 de agosto de 1936. Este procedeu à abertura de um processo político, baseando-se em duas alegadas denúncias. A primeira partiu do então Presidente da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Bocage, Hermínio Cunha, que terá dado conhecimento de que o “Bairro Baptista desta cidade está fulminado de comunistas” (2). Entre estes, um jovem litógrafo, Henrique Vieira, sobrinho do sócio da *Sociedade Litográfica Portuguesa, Lda.*, que funcionava naquela zona de Setúbal.

A segunda teve origem numa professora primária da mesma freguesia, que era prima do tenente Joaquim da Silva Rebelo, militar em serviço no Regimento de Infantaria n.º 11 e residente naquele mesmo bairro. Ana Rebelo, alegadamente, denunciou os seus vizinhos ‘Ayala’, ‘João Sapateiro’, ‘O Alfaiate’ e ‘O Barbeiro’ em virtude de serem “uns atrevidos a fazer propaganda comunista” (3). A docente terá recomendado, inclusive, que a PSP realizasse rondas noturnas à paisana na zona em face da elevada probabilidade em se deparar com reuniões clandestinas de cariz político.

Perante a existência de cinco suspeitos, as forças de segurança locais dividiram esforços na captura destes indivíduos. Em 16 de agosto, pelas 14 horas, foram detidos pelo subchefe, José Joaquim Cabrita, nas respetivas residências, Francisco da Silva Pequenino (barbeiro), João Ribeiro Júnior (sapateiro) e Manuel Fernandes Palma (alfaiate) sob a acusação de efetuarem propaganda comunista. (4) Na mesma tarde, na Praça Teófilo Braga, o agente Francisco Miguel Bacalhau prendeu Adolfo Martins Dinis de Ayala pela mesma razão. (5) No dia seguinte, pelas 17 horas, na Av. Luísa Todi, este último guarda capturou Henrique Vieira. (6) Ambos eram, igualmente, moradores no bairro mandado construir pelo ex-edil monárquico, António José Baptista, a partir de 1889, numa área periférica do meio urbano. (7)

Rua António José Baptista no bairro em questão (05/02/1967)

Fonte: Coleção Américo Ribeiro. Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro.



Código de Referência: PT/AFAMR/AMR-13744_02.



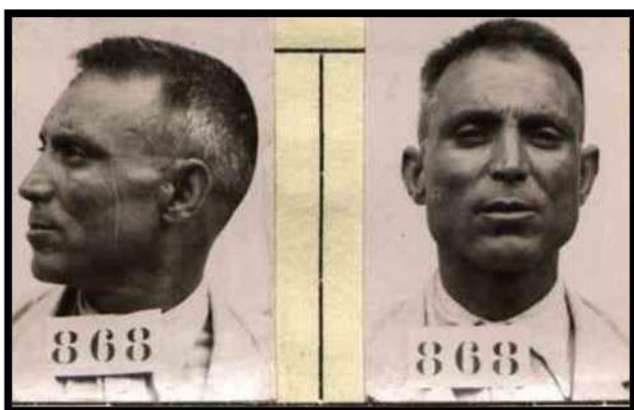
Episódios da resistência clandestina em Setúbal - VI

Um bairro “fulminado de comunistas”? (1936)

Estes cinco homens foram sujeitos a duros interrogatórios, nos dias 18 e 19 de agosto, às mãos da secção de investigação do Comando Distrital de Setúbal da PSP, estando presentes naquelas ocasiões Deolindo Moreira da Fonseca (chefe de esquadra), João Gomes Pereira (guarda n.º 51), Manuel Domingos (guarda n.º 28), Manuel Rodrigues Félix (guarda n.º 17), António José Romana (guarda n.º 25) e Mário Ribeiro dos Santos (guarda n.º 63).

Começando pelo barbeiro aljustrelense, Francisco da Silva Pequenino, este negou a acusação que lhe era imputada, sublinhando que não era comunista, que nunca tinha distribuído propaganda, reunido clandestinamente ou ouvido comentários politicamente depreciativos relativamente ao Bairro Baptista. Alheado da vida política, relatou estar de relações cortadas com João Ribeiro Júnior (igualmente detido) há cerca de quatro anos por motivos financeiros e que apenas conhecia pessoalmente Manuel Fernandes Palma, uma vez que a sua alfaiataria se situava diante da barbearia de que era proprietário. Finalmente, recordou ter estado preso aquando do movimento revolucionário reviralista, em Setúbal, de 7 de fevereiro de 1927 “por estar à porta da primeira esquadra, conversando com diversos guardas” (8). Foi absolvido por nada se ter provado contra si.

Francisco da Silva Pequenino



Fonte: ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, Livro n.º 20, Registo n.º 3829 de Francisco da Silva Pequenino.

Por seu turno, o sapateiro João Ribeiro Júnior também contestou as acusações, negando ser comunista, distribuir

propaganda ou reunir ilegalmente. Conhecia todos os coarguidos com quem estava preso, por serem seus vizinhos, menos o Adolfo Ayala. Confirmou, ainda, estar de costas voltadas com Francisco da Silva Pequenino. (9)

João Ribeiro Júnior

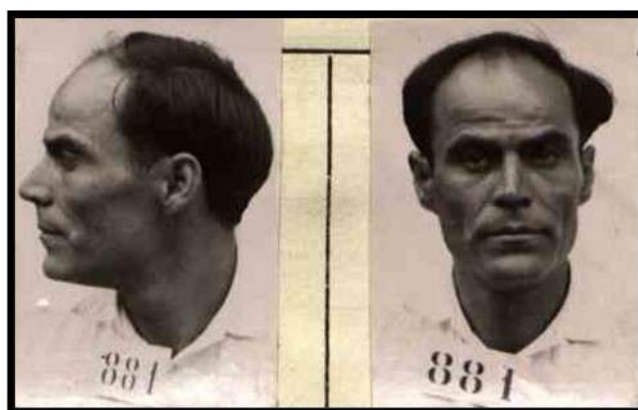
Fonte: ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, Livro



n.º 20, Registo n.º 3841 de João Ribeiro Júnior.

O alfaiate de Mourão, Manuel Fernandes Palma, respondeu de forma muito semelhante, garantindo que era mais íntimo de Francisco da Silva Pequeno devido à proximidade entre os estabelecimentos comerciais de ambos. (10)

Manuel Fernandes Palma



Fonte: ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, Livro n.º 20, Registo n.º 3831 de Manuel Fernandes Palma.



Episódios da resistência clandestina em Setúbal - VI Um bairro “fulminado de comunistas”? (1936)

O setubalense Adolfo Martins Dinis de Ayala era um velho conhecido da polícia política, mas tinha escapado às mãos da PSP de Setúbal após a Greve Geral Revolucionária do 18 de Janeiro de 1934. A sua atividade política antifascista teve início no dealbar da década de 1930, tornando-se militante do Partido Comunista Português. Apesar das prisões políticas de que foi vítima, bateu-se contra o Estado Novo até ao 25 de Abril, mantendo-se ao lado do General Humberto Delgado em 1958. No exílio, na capital francesa, assistiu de perto ao Maio de 68 como contínuo de uma universidade. (11)

Adolfo Martins Dinis de Ayala



Fonte: ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, Livro n.º 1, Registo n.º 193 de Adolfo Martins Dinis de Ayala.

Perante as autoridades policiais locais admitiu conhecer todos os indivíduos com quem estava preso, muito em particular o João Ribeiro Júnior por ser seu cliente. Não fazia propaganda, nem distribuía material considerado subversivo por já ter sofrido as consequências dos cárceres políticos. Passava pouco tempo no Bairro Baptista, onde residia, ocupando as suas horas livres e de trabalho na baixa da cidade do Sado “*não podendo, por isso, ser acusado de fazer propaganda comunista*” (12).

O último preso político deste processo, o jovem litógrafo Henrique Vieira declarou que passava a maior parte do seu dia na fábrica do tio e que apenas conhecia o alfaiate Manuel Fernandes Palma, a quem encomendou um fato de fazenda e dois de ganga. Assegurou, ainda, que as únicas atividades coletivas em que tomava parte relacionavam-se com os escuteiros. Negou professar o marxismo-leninismo, ter integrado organismos político-partidários, distribuir material subversivo ou alguma vez ter ouvido comentários sobre aquele bairro ser habitado por comunistas. (13)

Habitações típicas do Bairro Baptista junto à Praça de Touros (15/11/1944)



Fonte: Coleção Américo Ribeiro. Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro.
Código de Referência: PT/AFAMR/PT/AFAMR/AMR/LVR/02630

Convocadas a prestar depoimentos, as testemunhas contrariaram substancialmente os conteúdos da participação inicial do guarda n.º 60 do Comando Distrital de Setúbal da PSP. A jovem professora particular, moradora na Rua D. Maria Baptista, admitiu conhecer os arguidos de vista, mas nunca “*ouviu fazer propaganda comunista*” (14). Para Ana Rebelo era apenas voz corrente que aqueles indivíduos seriam comunistas.

O Presidente da Comissão Administrativa da Freguesia de Bocage, Hermínio Cunha, foi mais longe. Negou conhecer os indivíduos ou o local onde residiam. Relatou apenas que, cerca de dez dias antes do seu testemunho, uma mulher – que não recordava o nome - dirigiu-se à junta de freguesia para entregar um requerimento, aproveitando para denunciar que um barbeiro, um sapateiro e um alfaiate faziam propaganda marxista-leninista. Nesse sentido, o autarca não se tratava de uma testemunha direta como fazia crer a participação policial.



Episódios da resistência clandestina em Setúbal - VI

Um bairro “fulminado de comunistas”? (1936)

No que concerne ao tenente do R.I. n.º 11, Joaquim da Silva Rebelo, este residia no n.º 114 da Rua António José Baptista, exatamente por cima do estabelecimento comercial de Manuel Fernandes Palma. Garantiu nunca ter ouvido conversas de natureza política ou de propaganda comunista. Caso contrário, teria dado ordem de prisão aos responsáveis. Defendeu o arguido, de quem tinha “o melhor conceito que se pode fazer, pois que tem sido sempre um bom chefe de família e um bom vizinho” (15).

Existia, pois, a necessidade de acarear o guarda que efetuou a participação e as testemunhas. O polícia assumiu, relativamente a Hermínio Cunha, não ter colocado a informação de que o edil da freguesia de S. Sebastião tinha tomado conhecimento dos factos em averiguação através de terceiros. (16) Que motivação teria o guarda n.º 60, António Martins Cigano, para redigir uma participação acusatória com pouco fundamento? Pretenderia mostrar serviço? Ou existiria um sentido de *vendetta* pessoal para com algum dos arguidos? Mediante os factos, o guarda responsável pelo relatório final considerou – apesar de colocar à apreciação superior do comandante da PSP de Setúbal – que a acusação “se não prova ser verdadeira, como se vê nos depoimentos das testemunhas” (17).

Todavia, o despacho do comandante António Moreira de Carvalho, de 22 de agosto, ordenou que todos os detidos fossem apresentados ao diretor da PVDE, em Lisboa, tendo estes entrado nos calabouços do respetivo Governo Civil no dia seguinte. (18) Na semana imediata, o investigador da PVDE encarregue pelo processo comunicou ao diretor da polícia política que este “não contém matéria para ser enviado ao Tribunal Militar Especial” (19), chamando apenas a atenção para o cadastro político de Adolfo Ayala. Na mesma linha de raciocínio seguiu o cadastro político de Manuel Fernandes Palma: “Através dos autos organizados por aquele comando [i.e. PSP de Setúbal] não se fez qualquer prova da acusação” (20).

O capitão Agostinho Lourenço, diretor da PVDE, a pedido do comandante distrital de Setúbal da PSP, decidiu manter os cinco arguidos em prisão preventiva. (21) Neste particular, numa relação intimamente colaborativa, a PSP e a PVDE optaram por punir severamente os presos por meras conjecturas. Serviria como forma de dar o exemplo e assustar outros opositoristas setubalenses, numa evidente manifestação de força?

Uma explicação alternativa poderá estar relacionada com a carta recebida pela PVDE, no início da segunda quinzena de setembro de 1936, assinada por ‘Álvaro, inspetor dos Caminhos de Ferro’. (22) Trata-se de uma estranha e agressiva denúncia – dirigida a Oliveira Salazar (e disponível em anexo final) –, uma vez que os cinco dos setes indivíduos mencionados já se encontravam presos. Os nomeados no texto foram acusados de efetuarem propaganda comunista e de outras duas pessoas, Marina Pardete e Artur Pardete, de professarem a ideologia marxista-leninista. (23) O comandante da PSP de Setúbal convocou José Cândido Álvaro, inspetor dos caminhos de ferro e residente na Rua António José Baptista, que negou ser o autor da carta em questão ou conhecer os envolvidos. (24) Quem, portanto, a terá escrito? E com que intuito?

Ficha individual da PVDE de Henrique Vieira

Sinais particulares		N.º 3828
Altura	1,72	
Côr	Natural	
Nacionalidade	Portuguesa	
Nome e alcunha	Henrique Vieira	
Estado	Solteiro Profissão Litigante	
Naturalidade	Lagos - Sacarro Data do nascimento 5-11-1918	
Filiação	Júlio Vieira e Gertrudes da Piedade	
Outras indicações	Residência Rua D. Maria Batista 31 em Setúbal	
Número do processo de valores ou documentos apreendidos	306	
<p>BIOGRAFIA PRISIONAL</p> <p>Enviado pelo Directoria de entrada na S.P.S. em 23-8-36, restituído à 1.ª Esquadra. Restituído à liberdade em 27-8-36.</p>		

Fonte: ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, Livro n.º 20, Registo n.º 3828 de Henrique Vieira.



Episódios da resistência clandestina em Setúbal - VI

Um bairro “fulminado de comunistas”? (1936)

O destino prisional dos envolvidos foi manifestante distinto. Henrique Vieira, provavelmente pela sua idade (17 anos), foi libertado quatro dias depois de ter chegado a Lisboa, em 27 de agosto. João Ribeiro Júnior, Manuel Fernandes Palma e Francisco da Silva Pequenino foram transferidos para a Fortaleza Militar de Peniche, em 8 de setembro seguinte, permanecendo encarcerados até ao dia 8 de novembro. Este último, em carta dirigida ao diretor da PVDE – enviada por via da agência de Lisboa da Liga dos Combatentes da Grande Guerra (era sócio por ter combatido em Angola e em Moçambique nos anos do conflito mundial) -, considerava-se uma “vítima de falsas acusações políticas” e que a sua prisão representava um verdadeiro “acto de injustiça” (25).

Sobre o barbeiro, importa realçar que os serviços secretos da PVDE mantiveram Francisco da Silva Pequenino sob observação nos anos seguintes. Era, então, proprietário da pastelaria *Flor do Sado*, sita na Av. Manuel Maria Portela. Estes comunicaram ao comandante distrital de Setúbal da PSP que na residência de um caixeiro-viajante de nome Ovídio Barbosa – sobre o qual não se encontraram outras referências no arquivo da PIDE/DGS – ocorriam reuniões com *desafetos à Situação* (Estado Novo). No 2.º direito do número 22 da Travessa do Postigo da Pedra, alegadamente, reuniam personalidades de Lisboa, Beja e outras regiões da margem Sul, inclusive um Fernando Guimarães Teixeira, colaborador do *Avante!* (26).

Adolfo Ayala foi o que sofreu as mais duras consequências deste processo político, sem que nunca tivesse sido provado que tenha difundido ideologia comunista naquele bairro. Ao contrário dos anteriores, esteve preso na cadeia do Aljube de 28 de agosto até 17 de outubro, data em que foi transferido para a Fortaleza de S. João Baptista, em Angra do Heroísmo. Foi desterrado. Numa ironia absolutamente pérfida, em 23 de dezembro de 1938, este setubalense foi indultado, quando não fora condenado. Regressou a Portugal, no início de janeiro de 1939, sendo libertado 874 dias depois da sua detenção. (27)

Nos dias quentes de agosto de 1936, cinco residentes à beira Sado viram a sua vida virada do avesso. Por uma denúncia falaciosa, que partiu de um rumor, ou de uma vingança pessoal. Os cinco detidos totalizaram 1125 dias de

prisão política. Num plano de microescala, assim funcionava a variante portuguesa do fascismo.

Diogo Ferreira, historiador.

(GABPHC/C.M. de Setúbal e HTC-CFE/NOVA FCSH)

Fontes primárias

Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Fundo da PIDE/DGS.

Bibliografia

COSTA, Albérico Afonso, *Setúbal sob o Estado Novo*, vol. I, *A resistência a Salazar (1933-1949)*, Estuário, Setúbal, 2021.

FERNANDES, Pedro, “António José Baptista: Homem do Povo, Homem da Elite” in *Atas do IV Congresso de História Local*, HTC-CFE e C.M. de Almada, versão ebook, 2023, pp. 80-88.

FERREIRA, Diogo, *Setúbal e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918)*, Estuário, Setúbal, 2017.

FERREIRA, Diogo, *A Greve Geral Revolucionária de 18 de Janeiro de 1934 à beira Sado: O descuido estratégico e a ausência da ‘Barcelona Portuguesa’*, Centro de Estudos Bocageanos, Setúbal, 2024.

MATOS, José Alberto da Costa, “Colégio Militar – Berço de grandes portugueses” in *Zacatraz – Revista dos antigos alunos do Colégio Militar*, n.º 202, Lisboa, janeiro-março de 2016, pp. 24-31.



Episódios da resistência clandestina em Setúbal - VI

Um bairro “fulminado de comunistas”? (1936)

Tabela I – Dados biográficos dos envolvidos

Nomes	Dados biográficos
Adolfo Martins Dinis de Ayala	Nasceu em 21 de novembro de 1912, em Setúbal, filho de António Dinis de Ayala e de Hermínia Augusta Martins de Ayala. Era empregado de escritório, solteiro e residia no 1.º esquerdo do n.º 117 da Rua António José Baptista. O pai foi um militar condecorado pelos serviços prestados em África e durante a Grande Guerra. O tio, Bernardo Dinis de Ayala, foi capitão do porto de Setúbal durante a Grande Guerra. Ambos nasceram na Índia na década de 1860.
Francisco da Silva Pequenino	Nasceu em 16 de julho de 1892, em Aljustrel, filho de Joaquim António Pequenino e de Mariana Bárbara da Silva. Era barbeiro, casado e residia no 1.º andar do número 12 da Praça do Exército.
Henrique Vieira	Nasceu em 5 de novembro de 1918, em Lisboa, filho de Júlio Vieira e Gertrudes da Piedade. Era litógrafo, solteiro e residia no 1.º andar do n.º 31 da Rua D. Maria Baptista.
João Ribeiro Júnior	Nasceu em 10 de setembro de 1898, em Belém, filho de João Ribeiro e de Maria dos Prazeres Ribeiro. Era sapateiro, solteiro e residia no n.º 64 da Rua António José Baptista.
Manuel Fernandes Palma	Nasceu em 18 de março de 1899, em Mourão, filho de António Fernandes Palma e de Domingas Antónia Ribeiro. Era alfaiate, casado e residia no número 112 da Rua António José Baptista.

Fontes: Cadastros políticos da PVDE. Fichas individuais do registo geral de presos da PVDE. Participações policiais da PSP de Setúbal citadas ao longo deste texto.



Episódios da resistência clandestina em Setúbal - VI

Um bairro “fulminado de comunistas”? (1936)

Tabela II – Dados prisionais dos envolvidos

Nomes	Dados prisionais
Adolfo Martins Dinis de Ayala	Foi preso pela PSP de Setúbal, em 16 de agosto de 1936. Deu entrada nos calabouços da PVDE no dia 23 seguinte. Em 28 de setembro foi transferido para a Cadeia do Aljube. No mês seguinte, no dia 17, foi enviado para a Fortaleza de S. João Baptista, em Angra do Heroísmo. Por ter sido indultado, em 23 de dezembro de 1938, foi libertado no dia 6 de janeiro do ano seguinte. Esteve preso 874 dias.
Francisco da Silva Pequeno	Foi preso pela PSP de Setúbal, em 16 de agosto de 1936. Deu entrada nos calabouços da PVDE no dia 23 seguinte. Em 8 de setembro foi transferido para a Fortaleza Militar de Peniche, acabando restituído à liberdade em 8 de novembro. Esteve preso 85 dias.
Henrique Vieira	Foi preso pela PSP de Setúbal, em 16 de agosto de 1936. Deu entrada nos calabouços da PVDE no dia 23 seguinte. Foi libertado no dia 27 de agosto. Esteve preso 12 dias.
João Ribeiro Júnior	Foi preso pela PSP de Setúbal, em 16 de agosto de 1936. Deu entrada nos calabouços da PVDE no dia 23 seguinte. Em 8 de setembro foi transferido para a Fortaleza Militar de Peniche, acabando restituído à liberdade em 8 de novembro. Esteve preso 85 dias.
Manuel Fernandes Palma	Foi preso pela PSP de Setúbal, em 16 de agosto de 1936. Deu entrada nos calabouços da PVDE no dia 23 seguinte. Em 8 de setembro foi transferido para a Fortaleza Militar de Peniche, acabando restituído à liberdade em 23 de outubro. Esteve preso 69 dias.

Fontes: Cadastros políticos da PVDE. Fichas individuais do registo geral de presos da PVDE. Participações policiais da PSP de Setúbal citadas ao longo deste texto. COSTA, Albérico Afonso, *Setúbal sob o Estado Novo*, vol. I, *A resistência a Salazar (1933-1949)*, Estuário, Setúbal, 2021.

Anexo Documental

Denúncia anónima de setembro de 1936 dirigida à PVDE

“Setúbal,
Exmo. Senhor Doutor Oliveira Salazar
Já há muito que tinha interesse em escrever a Vossa Excelência para lhe comunicar que aqui predomina as ideias comunistas; e como tenho mulher e filhas pedia encarecidamente a Vossa Excelência para que exterminasse esta gente... se gente se lhe pode chamar. Há aqui pessoas que ameaçam minha mulher e filhas que quando vier o comunismo para Portugal se não de vingarem delas.
Vou dizer a Vossa Excelência alguns deles: João o sapateiro, que incute em rapazes novos estas ideias; Francisco barbeiro por alcunha O Sevilha, que tem mesmo cara de assassino que faz constante propaganda comunista; Henrique Vieira que diz se isto mudar (que oxalá nunca aconteça) que corta Vossa Excelência às costas.

Há aqui uma família de apelido Ayala que se compõe de mãe, filha e filho, o qual já tem estado preso por ser comunista apesar de receberem perto de 2.000\$00 por mês sem fazerem nada, dizem o pior que se pode ser de Vossa Excelência. O marido dela está doido na casa de saúde do Telhã.

Há também aqui uma rapariga chamada Marina Pardete e um irmão Artur Pardete também têm ideias comunistas.

Desculpe-me Vossa Excelência ser tão inoportuno, mas como ando assutado, resolvi escrever-lhe.

Vosso admirador,

(a) Álvaro (Inspetor dos Caminhos de Ferro)”

Fonte: ANTT, PIDE/DGS, Serviços Reservados, Processo n.º 1089 da PIDE, NT 2343, Carta não datada e assinada por Álvaro, inspetor dos caminhos de ferro.



Episódios da resistência clandestina em Setúbal - VI

Um bairro “fulminado de comunistas”? (1936)

Notas de fim

- (1) COSTA, Albérico Afonso, *Setúbal sob o Estado Novo*, vol. I, *A resistência a Salazar (1933-1949)*, Estuário, Setúbal, 2021, p. 50.
- (2) ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo n.º 1927 da Secção de Defesa Política e Social da PVDE, NT 4327, Participação n.º 692 de 15/08/1936 do agente n.º 60, António Martins Cigano, do Comando Distrital de Setúbal da PSP.
- (3) *Ibidem*.
- (4) *Idem*, Participação n.º 702 de 16/08/1936 do subchefe n.º 91, José Joaquim Cabrita, do Comando Distrital de Setúbal da PSP para o respetivo comandante.
- (5) *Idem*, Participação n.º 705 de 16/08/1936 do agente ajudante n.º 66, Francisco Miguel Bacalhau, do Comando Distrital de Setúbal da PSP para o respetivo comandante.
- (6) *Idem*, Participação n.º 708 de 17/08/1936 do agente ajudante n.º 66, Francisco Miguel Bacalhau, do Comando Distrital de Setúbal da PSP para o respetivo comandante.
- (7) FERNANDES, Pedro, “António José Baptista: Homem do Povo, Homem da Elite” in *Atas do IV Congresso de História Local*, HTC-CFE e C.M. de Almada, versão *ebook*, 2023, p. 82.
- (8) ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo n.º 1927 da Secção de Defesa Política e Social da PVDE, NT 4327, Auto de Perguntas de 18/08/1936 da Secção de Investigação do Comando Distrital de Setúbal a Francisco da Silva Pequenino.
- (9) *Idem*, Auto de Perguntas de 18/08/1936 da Secção de Investigação do Comando Distrital de Setúbal a João Ribeiro Júnior.
- (10) *Idem*, Auto de Perguntas de 18/08/1936 da Secção de Investigação do Comando Distrital de Setúbal a Manuel Fernandes Palma.
- (11) Cf. FERREIRA, Diogo, *A Greve Geral Revolucionária de 18 de Janeiro de 1934 à beira Sado: O descuido estratégico e a ausência da ‘Barcelona Portuguesa’*, Centro de Estudos Bocageanos, Setúbal, 2024.
- (12) ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo n.º 1927 da Secção de Defesa Política e Social da PVDE, NT 4327, Auto de Perguntas de 18/08/1936 da Secção de Investigação do Comando Distrital de Setúbal a Adolfo Martins Dinis de Ayala.
- (13) *Idem*, Auto de Perguntas de 18/08/1936 da Secção de Investigação do Comando Distrital de Setúbal a Henrique Vieira.
- (14) *Idem*, Auto de Corpo de Delito Indireto de 19/08/1936 da Secção de Investigação do Comando Distrital de Setúbal da PSP. Testemunhos de Ana Rebelo, de Hermínio Cunha e Joaquim da Silva Rebelo.
- (15) *Ibidem*.
- (16) *Idem*, Auto de Acareações de 22/08/1936 da Secção de Investigação do Comando Distrital de Setúbal da PSP.
- (17) *Idem*, Relatório de 20/08/1936 do guarda n.º 51, João Gomes Pereira, do Comando Distrital de Setúbal da PSP para o respetivo comandante.
- (18) *Idem*, Informação de 23/08/1936 do funcionário da PVDE, Eduardo Gomes.
- (19) *Idem*, Relatório de 01/09/1936 do investigador da PVDE.
- (20) ANTT, PIDE/DGS, Cadastro Político da PVDE n.º 8241 de Manuel Fernandes Palma.
- (21) ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo n.º 1927 da Secção de Defesa Política e Social da PVDE, NT 4327, Despacho de 01/09/1936 do diretor da PVDE. ANTT, PIDE/DGS, Serviços Reservados, Processo n.º 1089 da PIDE, NT 2343, Cadastro Político n.º 8169 da PVDE de Francisco da Silva Pequenino.
- (22) ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo n.º 1927 da Secção de Defesa Política e Social da PVDE, NT 4327, Confidencial n.º 1836 de 17/09/1936 enviada pelo Secretário-Geral da PVDE para o Comandante Distrital de Setúbal da PSP.
- (23) ANTT, PIDE/DGS, Serviços Reservados, Processo n.º 1089 da PIDE, NT 2343, Carta não datada e assinada por ‘Álvaro, inspetor dos caminhos de ferro’.
- (24) *Idem*, Confidencial n.º 49 de 28/09/1936 enviada pelo Comandante Distrital de Setúbal da PSP para o Diretor da PVDE.
- (25) *Idem*, Carta de 03/09/1936 enviada por Francisco da Silva Pequenino para o Diretor da PVDE.
- (26) ANTT, PIDE/DGS, Serviços Reservados, Processo n.º 1089 da PIDE, NT 2343, Confidencial n.º 404 de 11/02/1938 enviado pelo Secretário-Geral dos Serviços de Informação e Ligação da PVDE para o Comandante Distrital de Setúbal da PSP.
- (27) ANTT, PIDE/DGS, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, Livro n.º 1, Registo n.º 193 de Adolfo Martins Dinis de Ayala.



Fran Paxeco: 150 Anos do Nascimento

António Cunha Bento



Em 2024, entre outras efemérides – V Centenário do nascimento de Camões, Centenário do nascimento de Sebastião da Gama e Cinquentenário do 25 de Abril –, ocorre o 150º aniversário de Fran Paxeco, diplomata, jornalista, escritor e professor. Quem foi, então, este ilustre setubalense que:

- figura no Tríptico dos Setubalenses Ilustres, de Luciano Santos, no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Setúbal;
- figura na toponímia de Setúbal e nas cidades brasileiras de São Luís do Maranhão, São Paulo e Cruzeiro do Sul (Acre);
- deu nome à biblioteca do Grémio Literário e Recreativo Português, de Belém do Pará;
- foi um dos fundadores da Academia Maranhense de Letras;
- é Patrono da Cadeira nº 21 da Academia Ludovicense de Letras;
- designa uma medalha para homenagear os que se destacam na docência jurídica e no desenvolvimento do Direito no Estado do Maranhão instituída pela Academia Maranhense de Cultura Jurídica, Social e Política?

Vejamos então: Manuel Francisco Pacheco, que, mais tarde, alterou o nome para Manuel Fran Paxeco, setubalense nascido a 9 de Março de 1874, após frequentar a escola no Colégio São Francisco Xavier, no antigo Convento de São Francisco, ingressou na Casa Pia de Lisboa, por ter ficado órfão de pai quando tinha apenas seis anos. Com catorze anos, após a conclusão dos estudos, equivalente ao actual ensino secundário, voltou a Setúbal onde foi admitido como “*escrevente*” na Conservatória do Registo Predial, altura em que deu os primeiros passos no jornalismo local, acabando

por fundar, em 1860, o “Elmano”, dias antes de completar dezasseis anos. Mais tarde, viria a afirmar: «*num impulso juvenil, empreendemos a impressão do Elmano. Nasceu e morreu a 6 de Março de 1890. Foram tantas as picardias que, antes de vir para a rua, já resolvêramos morfinizá-lo*».

A passagem pela Casa Pia, para além da formação escolar, permitiu-lhe contactar com um ambiente completamente diferente daquele em que havia vivido na sua infância. O ensino recebido no colégio de Setúbal, a cargo dos jesuítas, marcou-o profundamente, levando-o, umas dezenas de anos depois, a deixar um testemunho pouco abonatório do ensino aí ministrado: «*esta congregação eclesiástica ministra instrução aos filhos desta cidade... embrutecendo-os*». Em Lisboa, terá tomado contacto com os ideais republicanos, o que, associado a acontecimentos verificados em Setúbal na sequência do *Ultimatum* inglês, o levou a alistar-se no exército, como voluntário, no Regimento de Caçadores. A sua carreira militar, com uma duração prevista de doze anos, não foi além do primeiro terço. Apesar de ter progredido rapidamente, atingindo o posto de segundo sargento antes de completar um ano, o seu temperamento e o acentuado *republicanismo* trouxeram-lhe problemas de conduta incompatíveis com a disciplina castrense, passando à reserva em 1894.



Fran Paxeco: 150 Anos do Nascimento



A sua actividade de jornalista, mantida enquanto militar, foi desenvolvida a coberto de pseudónimos – *Brissos Calvão* e *Scipião Heitor* –, prática que continuou, mesmo após a passagem à situação de reserva, por se manter sob a alçada das leis militares. Quando era redactor político do semanário republicano “A Montanha”, de Trancoso, publicou um artigo que visava D. Carlos, pelo que lhe foi movido um processo judicial, que, segundo o seu advogado, o fazia incorrer numa pena de vários anos de prisão, razão pela qual o aconselhou a emigrar. Assim o fez e, de imediato, viajou para Espanha, de onde embarcou para o Brasil, em 1895.

A sua permanência no Brasil manteve-se ao longo de três décadas, passando sucessivamente pelo Rio de Janeiro, Belém do Pará, Manáus, São Luís do Maranhão e Cruzeiro do Sul (Estado do Acre). Foi comerciante, jornalista – dirigiu e fundou jornais e revistas em todas as cidades onde viveu –, professor e Cônsul de Portugal em S. Luís (1911) e Belém (1913) e Secretário de Bernardino Machado (1913), quando Embaixador de Portugal no Rio de Janeiro e, depois, quando Presidente da República (1916); esteve envolvido na fundação de várias instituições – Faculdade de Direito de S. Luís, Escola de Belas-Artes do Maranhão, Instituto de Assistência à Infância, Academia Maranhense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, entre outras –, foi sócio de várias Academias Científicas do Brasil e Portugal.

Fran Paxeco casou em S. Luís com a maranhense Isabel Eugénia de Almeida Fernandes Paxeco (1910) e na mesma cidade nasceu sua filha Elza Fernandes Paxeco (1912), que viria a ser professora na Faculdade de Letras de Lisboa, onde teve Sebastião da Gama como aluno.

Admirador e amigo de Teófilo Braga, que sempre tratou por “Mestre” e com quem manteve regular e vasta corres-

pondência, foi mais tarde escolhido para seu Testamenteiro Literário (1901).

Regressou a Portugal em 1925, após o que foi nomeado Cônsul de Portugal em Cardiff (1927) – com o cônsul do Brasil, conseguiu abrir e manter no *Technical College* uma cadeira de língua portuguesa – e em Liverpool (1933).

Regressou a Portugal depois da sua última missão (1935), não voltando a ser-lhe atribuída outra representação diplomática em consequência da perseguição que lhe foi movida pelo Estado Novo, através Teixeira de Sampaio, monárquico convicto, que desempenhava as funções de Secretário-Geral do Ministério dos Estrangeiros.

Vítima de um AVC (1939), ficou com graves sequelas e privado da linguagem, vindo a falecer em 1952.

Deixou vasta obra na imprensa portuguesa e brasileira e cerca de seis dezenas de títulos publicados, para além de obras inéditas que se perderam.

Perguntar-se-á: e Setúbal ficou esquecida? Não, em todas as vindas a Portugal, quando se encontrava em missão diplomática no estrangeiro, sempre visitou Setúbal e os seus amigos e não deixou de se associar e promover iniciativas de carácter cultural, social e de defesa de interesses locais.

Publicou sobre a sua terra natal “Setúbal e as suas celebridades”, em 1930, no âmbito da Exposição Regional, obra indispensável para os investigadores da história local. Deixou inédita a obra “Setúbal e a Província do Sado”, obra em três volumes que infelizmente se perdeu.



LITERATURA
04. SEG | 15H00

**UM OLHAR SOBRE
FRAN PAXECO
E OS SEUS LIVROS**

BIBLIOTECA MUNICIPAL
SERVIÇOS CENTRAIS
Conferência por António
Cunha Bento, no âmbito
das comemorações dos
150 anos de Fran Paxeco.
Gratuito | Org.: CMS



01/30 MAR.

FRAN PAXECO

BIBLIOTECA MUNICIPAL
SERVIÇOS CENTRAIS

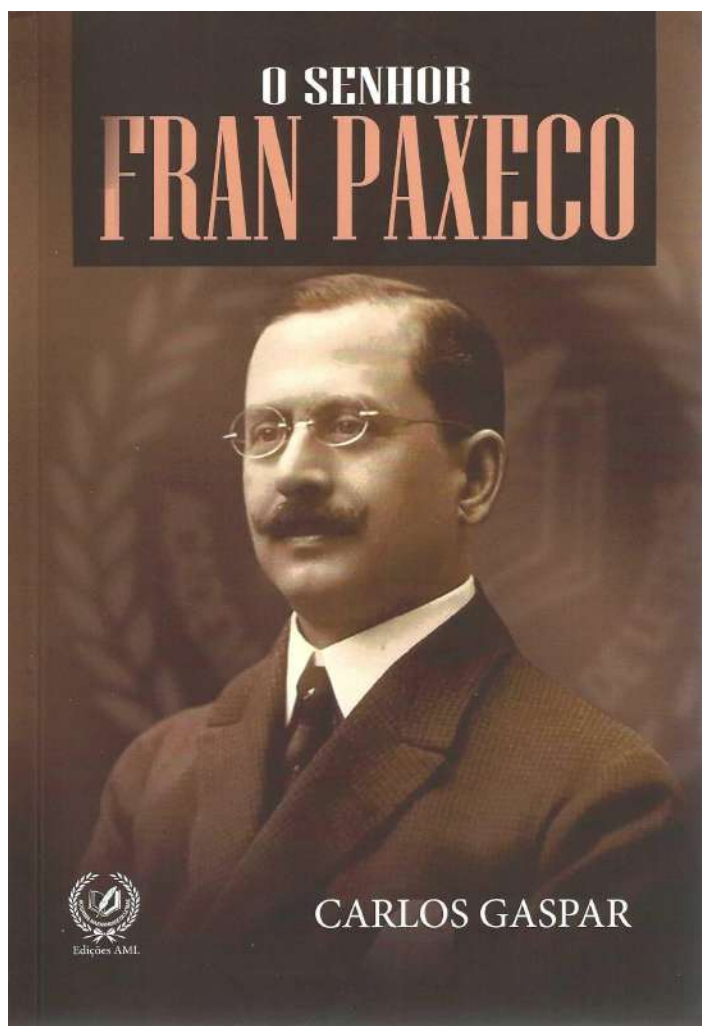
Mostra biobibliográfica do ciclo
Autor do Mês, no âmbito das
Comemorações dos 150 Anos
de Fran Paxeco.
Seg a sex, das 09h00 às 19h00
Sab, das 14h00 às 19h00
Gratuito | Org.: CMS



Fran Paxeco: 150 Anos do Nascimento

As comemorações da passagem dos 150 anos do seu nascimento, em Setúbal, tiveram início com uma exposição biobibliográfica na Biblioteca Municipal, durante o mês de Março, e uma comunicação subordinada ao tema *“Um olhar sobre Fran Paxeco e os seus livros”*, à qual se associou a sua neta, Rosa Pacheco Machado, e a conferência *“Redescobrir Fran Paxeco a partir de fragmentos autobiográficos na sua obra e correspondência”*, no dia 9 de Março. Está agendada, para encerramento das comemorações, uma exposição sobre a sua vida e obra durante o primeiro trimestre do próximo ano. Está ainda previsto o lançamento da obra *“O Senhor Fran Paxeco”*, de Carlos Gaspar.

Em São Luís do Maranhão, as comemorações tiveram lugar nos dias 25 e 26 de Março: a primeira, promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, com a atribuição da Comenda *“António Lopes”* a Fran Paxeco (in memoriam); a segunda, por iniciativa da Academia Maranhense de Letras, com uma sessão especial, na qual se procedeu ao lançamento da obra *“O Senhor Fran Paxeco”*, excelente trabalho de investigação, numa aprimorada edição de 478 páginas de grande qualidade gráfica, da autoria do académico Carlos Gaspar. Esteve presente nas duas cerimónias sua neta, Rosa Pacheco Machado.



Notas Soltas Sobre Resendes Ventura e *As Palavras Que Eu Sou*

António Vilhena



Todas as vezes que recorro ao meu amigo Manuel Medeiros, conhecido literariamente pelo pseudónimo Resendes Ventura, experimento a sensação de um reencontro: é como se ainda pudesse desfrutar dos sensatos conselhos e dos nunca esmorecidos incentivos que fraternalmente me dirigia; é como se, avidamente atento, continuasse a ouvir quer o seu sábio disreterar sobre a vida quer as originais reflexões que tecia acerca da sua singular experiência de livreiro e de leitor.

Graças à profissão que exercia com entusiasmo e à apetência pela leitura, nele indissociáveis do empenho em incentivar os outros ao acto de ler, mantinha-se em diálogo, por um lado, com pensadores e escritores de diversa índole e, por outro, com os próprios clientes, funcionando em simultâneo como preciosa ponte entre estes e aqueles.

Quanto a escritores, investigadores e intelectuais portugueses, não se cansou, durante décadas, em parceria com a Fátima, de trazer muitos deles aos inesquecíveis encontros que ambos promoviam na Culsete e noutros locais, encontros que representaram um inestimável esforço de divulgação cultural, por tentarem estimular o gosto pela leitura, a reflexão e a troca de ideias que ambas propiciam.

Não deve esquecer-se que essa dádiva do casal se revelou sobremaneira valiosa nos tempos em que a vida portuguesa sofria de acentuada carência de investimento em eventos de tal natureza.

Das conversas com o meu amigo, inteligente e cativante interlocutor, concluía que ele, não obstante dar primazia ao papel de livreiro, continuava, como em tempos mais distantes, a escrever poesia, sobre a qual era, aliás, muito parco

em considerações, preferindo falar de autores que em si haviam deixado marcas indeléveis. Recordo que, vezes sem conta, me enalteceu nomes como Camões, Bocage, Antero, João de Deus, Pessoa, Afonso Duarte, Nemésio, Sebastião da Gama, Matilde Rosa Araújo, Urbano Tavares Rodrigues, Natália Correia, Saramago, João de Melo, Luís de Gôngora, Juan Ramón Jiménez, Pablo Neruda, entre tantos outros.

Resendes Ventura comungava, muito certa e naturalmente, da convicção segundo a qual quem se dedica à escrita literária munido de verdadeira cultura não pode prescindir dos livros dos outros, enquanto fonte de reflexão e – à falta de melhor palavra – de inspiração.

Não se nos afigura, pois, despiciendo lembrar uma importante confissão sua, tocada por laivos de mágoa, que consta da primeira página da bela “plaquette” O MUDO ENCANTO (Setúbal, 20. Dezembro. 1987): «1947-1987 Humilde homenagem a Mestre AFONSO DUARTE no esquecimento do 40º ANIVERSÁRIO da publicação de OSSADAS [,] o livro de poemas que encontrei aos 15 anos e sempre trouxe comigo até este dia de os meus cabelos embranquecerem já.» E, no verso da mesma página, vem transcrita a 2ª estrofe do poema de *Ossadas* intitulado «Ritmo», vincando-se, assim, o tributo ao quase olvidado poeta da Ereira (1884-1958), autor de grande contenção verbal e avesso a efusões sentimentais. Diz essa quadra: «Cada coisa é ser / Se a perceber / O mudo encanto / De ouvir o canto» (1). A contracapa da “plaquette” reproduz a capa da primeira edição de *Ossadas* (Lisboa, Seara Nova, 1947), enriquecida com um delicado desenho de Maria Keil.



Notas Soltas Sobre Resendes Ventura e *As Palavras Que Eu Sou*

Como bem assinala Urbano Bettencourt no cristalino e esclarecedor prefácio de *As palavras que eu sou*, ao longo da extensa caminhada poética em que Resendes Ventura se diz através de palavras criteriosamente escolhidas, avulta uma linguagem depurada e contida, sem dúvida fruto de «labor e lima», tão elogiados já por Horácio, poeta latino do século I a. C., na sua *Epístola aos Pisões*, vulgo *Arte Poética*.

Se é verdade que proclama «De escrita me sustento como / de prato bom e preferido» (2), não deixa de enfatizar que a porfia em encontrar o uso adequado do verbo — «Procuro que nasçam das palavras / os sentidos de vida consciente» (3) —, implícita na exigente demanda de uma escrita bem-sucedida, é sinónimo de tarefa fatigante: «Cansam, as palavras. Cansam! / Ah! Por elas é que vamos! / Cansam!» (4)

Embora cada um deles carregue uma intencionalidade distinta, o verso «Ah! Por elas é que vamos!» parece fazer-se eco do tão famoso verso de Sebastião da Gama «Pelo sonho é que vamos» (5), o qual deu, nas Edições Ática, o título ao VII volume das obras do escritor de Azeitão.

À *poiésis* de Resendes Ventura assentaria bem, como pórtico-frontispício, de modo a frisar a árdua e delicada labuta a ela subjacente, o poema ao qual atribui o mesmo título (6) que Carlos de Oliveira (outro dos fiéis discípulos de Afonso Duarte) escolheu para o conjunto das suas composições: *Trabalho poético*. Lê-se nesse texto: «A escolha das palavras. / O labor da escrita / procurando arpoar / com as palavras certas o sentido. // A escolha das palavras. / Para além do sentido o perfeito / compor-se das palavras em obra / que a beleza habite, transparente / direta / sem precisar de chave ou tolerância. // A escolha das palavras / feita por segredo / de quem a não faz por a fazer / mas pelo dom que a si dá ao procurar / um pão que alimente ao mesmo tempo / a fome de sentido e de beleza / sem que saiba, sem beleza, o que é que diz / e seja o quanto diz pura beleza» (7).

Nesta composição transmite-se subliminarmente um ensinamento e um alerta: não se esqueça o leitor de que, no texto literário, resultante de um trabalho persistente e beneditino, forma e conteúdo se postulam de modo inevitável, são as duas indissociáveis faces de uma mesma moeda.

A poesia contém extraordinárias potencialidades a cuja concretização o sujeito poético aspira : «fosse a poesia o gosto / e o saber da vida // caísse-me das mãos / a condição de

escravo // somente da Palavra / a fé na eternidade / seria a liberdade / e a morte enfim vencida». (8)

Ter fé na eternidade da palavra é, portanto, sinónimo de liberdade e de caminho para a imortalidade.

A liberdade, tema que Resendes Ventura glosa sob diversos ângulos, guinda-a ele a tão grande altura e significado que, na estrofe final de uma composição dedicada ao seu primogénito, a considera mais valiosa do que a própria vida:«[...] Não, meu filho,/ não te digo nada,/ coisa nenhuma te deixo. / De mim és livre. Livre totalmente! / E o maior desejo que tenho sobre ti / é que valha para ti a tua liberdade / incomparavelmente mais / do que a vida que te demos». (9)

Um dos instrumentos de aprendizagem da liberdade é, segundo o poema «Bocage», o conhecimento da própria literatura, espaço no qual Elmano ascende à categoria de mestre paradigmático: «Teu sexo na tua poesia / Ou tua poesia no teu sexo? // Como os viveste / em perda de amor e vida / de modo que imortais / fossem os versos que deixaste? // Em vão terás sabido / o que era a liberdade / do canto e do amor? // Pobre de ti Bocage e de nós outros / que fomos tão mortais como tu foste/ sem que ao menos saibamos / por teus versos aprender / a liberdade que sonhaste» (10). E esta mesma linha de força continua viva no texto «15 de Setembro», cujo último verso é o primeiro de um dos mais emblemáticos sonetos do escritor setubalense: «[...] e hoje / quando o povo saiu à rua / só o povo / só o povo / só o povo // sem forças nem chefes a revolta / continua no sempre ler Bocage // liberdade querida e suspirada» (11).





Notas Soltas Sobre Resendes Ventura e *As Palavras Que Eu Sou*

De liberdade se fala igualmente naquele que incluímos entre os grandes poemas do autor e que, dada a sua complexa tessitura, nos limitamos a aflorar: «Abrilpoema com Cesare Pavese e Afonso Duarte» (12). Nele deparamos com uma figura masculina reiteradamente caracterizada, num discurso de 3ª pessoa, como «homem-sem-ninguém» e de acentuado pendor para a tristeza. Depois de um puro deambular que o levou a um «jardim de abril», voltou a casa sozinho e «[...] sentou-se a compor este poema / sobre quando abril se disse Liberdade / e muita gente acreditava tanto / nas flores que se deu o milagre / da multiplicação dos cravos». A afirmação «[...] sentou-se a escrever este poema» — e sublinhamos o deíctico demonstrativo «este» — estabelece, desde logo, a identificação da instância enunciativa com Resendes Ventura, mostrando que o recurso à 3ª pessoa funciona como tentativa de disfarce de um eu lírico.

A referida propensão para as «coisas tristes» condu-lo, no entanto, a parar de escrever e a mergulhar na leitura de *Ofício de Viver* (13), o mais conhecido e importante dos diários (todos eles póstumos) do escritor suicida italiano Cesare Pavese (1908-1950), livro no qual, entre os temas de presença assídua, se contam o suicídio e a reflexão sobre a escrita literária, intimamente ligados, como destacou uma figura maior da crítica literária em Itália, à «condição de extrema solidão e de fatal incomunicabilidade do escritor» (14). Deste contacto do «homem-sem-ninguém» com Pavese resulta, por um lado, a decisão de interromper *sine die* toda a actividade quer da leitura quer da escrita, e, por outro, a conclusão, para si pacificadora, de que a tentação de um possível desembocar no suicídio, «jamais a tivera».

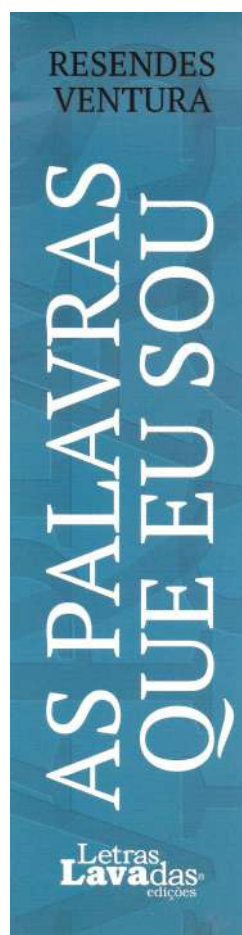
Após algumas reflexões sobre a coerência, «olha de longe» seres humanos no exterior – uns estáticos, outros em movimento – , os quais se lhe afiguram incoerentes. Então «O homem-sem-ninguém experimenta / suspender em si a velha crença em / salvadores do mundo. / Apenas sente / que de algum modo se enobrece / melhor dito, se enternece / sobre o destino dos homens neste mundo / o seu olhar inútil de homem-sem-ninguém. / E volta ao seu poeta, o poeta da Ereira / preferido em tantos dos seus dias-sem-ninguém: / *perdi toda a comunhão / com os homens da superfície*».

«O poeta da Ereira» é, como atrás se disse, Afonso Duarte, a cujo livro *Ossadas*, mais exactamente à 3ª estrofe do poema «Cantar da solidão», pertencem os dois últimos versos que

acabámos de ler: «*perdi toda a comunhão / com os homens da superfície*» (15).

A nosso ver, a construção do texto resendiano em apreço pode, em certa medida, ser encarada como uma metáfora do percurso do seu autor enquanto poeta.

Do mesmo modo que o «homem-sem-ninguém», a certa altura, apõe a esta composição o carimbo de “interrompida”, mas não resiste ao impulso de a prosseguir e concluir, assim também Manuel Medeiros / Resendes Ventura, ainda que frequentemente desse a entender que estava deveras fragilizado o vigor do seu antigo poetar, continuava a emprestar-lhe a maior atenção e carinho, como agora comprova o belo volume *As palavras que eu sou*. Afinal, era inabalável a sua confiança no poder da poesia, magnificamente expressa na derradeira estrofe de «Abrilpoema com Cesare Pavese e Afonso Duarte», o tal texto que parecia destinado a ficar inconcluso: «Um canto de poetas que se escuta / quando se é um homem-sem-ninguém / pode valer por tudo o que se vive / na espera eternizada por alguém».





Notas Soltas Sobre Resendes Ventura e *As Palavras Que Eu Sou*

É atributo de quem, vivendo na «infinita solitude» (16), escreve poesia perseverar na crença de um muito longínquo amanhã sonhado: «Ah! Os que puderdes ainda acreditar / nesse futuro do mundo que nunca será / nem vosso nem do vosso mundo / e que é um dos mistérios / da passagem dos poetas pelo meio de nós!» (17).

Bem vistas as coisas, escritores e criação literária, sobretudo no campo poético, vivem, em certa medida, envoltos em mistério. O que, além de outros factores, contribui para tal mistério é, sobretudo, a polissemia, a plurissignificação da palavra poética, que não encerra uma verdade definitiva, não é passível de uma interpretação monolítica, única.

Resendes Ventura assume, com clareza, no poema «Palavra e verdade», que cada receptor de um texto literário representa uma caixa de ressonância dotada de configuração própria, um campo aberto à interpretação individualizada, dife-

renciada, da mensagem que até ele chega: «Nenhuma palavra diz a verdade / Nem mesmo a que a contém. / Só assim afirma o respeitar / A tua liberdade / de ouvinte ou leitor ou paralelo / inventor de sonatas por tocar». (18)

Sem se importar ou preocupar com o grau de acolhimento que viesse a ser dispensado aos seus textos, o poeta tinha plena consciência de que o facto de os ter escrito e legado à posteridade, avesso e alheio a adulações e mecenatismos equívocos, o engrandecia e o resgatava enquanto ser humano: «[...] Meus versos são meu resgate / Que ofereço à morte e apenas sei / Que sou mais do que eu porque os fixei» (19).

Doravante, com a nossa leitura, contribuamos nós também para a gratificante e nobre tarefa de ajudar a manter vivos esses mesmos versos!

Notas:

(1) Afonso Duarte, *Ossadas*. Lisboa: Seara Nova, 1947, p. 47.

(2) «De escrita me sustento» in *As palavras que eu sou*. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2022, p. 122.

(3) «As palavras e os sentidos» in *ibidem*, p. 164.

(4) «Cansam as palavras» in *ibidem*, p.88.

(5) «O sonho» in *Pelo sonho é que vamos*. Lisboa: Edições Ática, 1971, p. 59

(6) Por isso, Resendes Ventura grafa o título em itálico.

(7) *As palavras que eu sou*, ed. cit., p.374.

(8) «Fosse a poesia» in *Ibidem*, p. 177.

(9) «Carta para o futuro» in *ibidem*, p. 74.

(10) *Ibidem*, p. 397.

(11) *Ibidem*, p. 553.

(12) *Ibidem*, p. 411-414.

(13) O título original do livro é *Il mestiere di vivere. Diario (1935-1950)*.

(14) Natalino Sapegno, *Disegno storico della letteratura italiana*. Firenze: La Nuova Italiana, 1982, 6ª ristampa della 2ª edizione, p. 810. A tradução do italiano é da nossa responsabilidade.

(15) Afonso Duarte, *op. cit.*, p. 50.

(16) «Infinita solitude» in *As palavras que eu sou*, ed. cit., p. 309.

(17) *Ibidem*, p. 309.

(18) «Palavra e verdade» in *ibidem*, p. 431.

(19) «Meus versos são meu resgate» in *ibidem*, p. 430.





SERRA MÃE

Rui Garcia



Apá do outrre dia ê cá nã táva bem, sentia um apêrrte du peite, um consume cá dentrrre de mim tipe o ferráde de choque a entrárr pas órbitrras dus zólhes a dentrrre e a ficárr ca mente toda turrva... Ê cá tinha que fazêrr alguma coisa e nã erra porr tárr a vêrr um bufo agoirrente lá do penhasque quieu ia deixárr de querrerr ficárr melhórr.

Ê cá no funde só querria sentirr paz, parrárr com toude este barrulhe citadine e caminhei, caminhei e dei logue uma telefonadela ó mê pprime zarrólhe que tá lá semprrre ppra mim desde quê lêve uma garrafinha de moscatel pá nossa Mãe, porra a Serra da Arrábida! Já táva a imaginárr o mê pprime zarrolhe com a sua Ápe 50, aquile ali a parrtir da Restinguinha, esquece! Ê semprrre a dárr nas hórras, même na subida aquile inté parrêce uma erróz dessalvorráda com vaselina. Quando o mê pprime chegou inté parreçe que caiu silêncio do alte do céu, aquela porra da motorrêta faz uma barrulhêrra inferrnál caté os javalis dasatem a fegirr parrecem gátes assanhádes porr aquêles penhasques afórra.

Agórra uma coisa é cérrta, a mescla de corres quê vi naquela garrafa de moscatel fez esquecêrr o negrrume da nossa Serra. O mê pprime tamein nã táva melhórr quieu e lá começámes a beberricárr, a falárr da vida, a sentirr o cheirrinhe daquele moscatel roxo caté parrcia perrfume! Deixámes levárrnes e adormecémes todes, eu, o mê pprime e até a Serra parrêce que já dormia.

Dexámenes ficárr do sone mai pprofunde c'um charroque e

vi o mê pprime a caminhárr pela mata afórra e disse-lhe - cuidáde com os rames cainda espeta um gálhe du oulhe bom! Ele nã se caláva com qualquêrr coisa brranca que via lá ó funde que deitáva água como uma fonte antiga. Ê cá realmente até me soube bem ouvirr aquile, porr causa da garráfa de moscatel fiquei tode sêque, mais parrcia um balchau ó sol no desérte da Sárra, nunca perrcebi quem é a parriga ma tamein nã deve serr má pessoa ppra andárr assim no larró do desérte. Mas adiante, juntámes a manitas e bebêmes munta água, não se ouvia nada até que de repente parrcia um murrmúrrio repetitive que parrcia dárr em música e o mê pprime insistia ppra irrres vêrr o quiérra atrrás do arrbuste e ê cá feita párrve fui na cantiga dele... Apá sóce... atão nã erra doi namurrádes no farróbadó lá num cárre, iste assim nem ajuda a Serra a dormirr. A malta pprecisa de descanse.

Fomes ppra longe daquile e começámes a sentirr que nã távames sózinhes, nã érrames os úniques a sonhárr, lá du meio da mato táva uma rave munta grránde com montes de sóces e parrigas a dançárr à pprócurra dos seus sonhos. Ê verdáde, o sonhe de um homem nunca tem fim, é tipe quande vais à quele rodizio de pêxe, pagas só aquile mas podes comêrr o que te aptcêrr! Todes ali na serra e tavam cá com um embále que nem vos conte até parrcia que abnavam a nossa Serra da Arrábida.





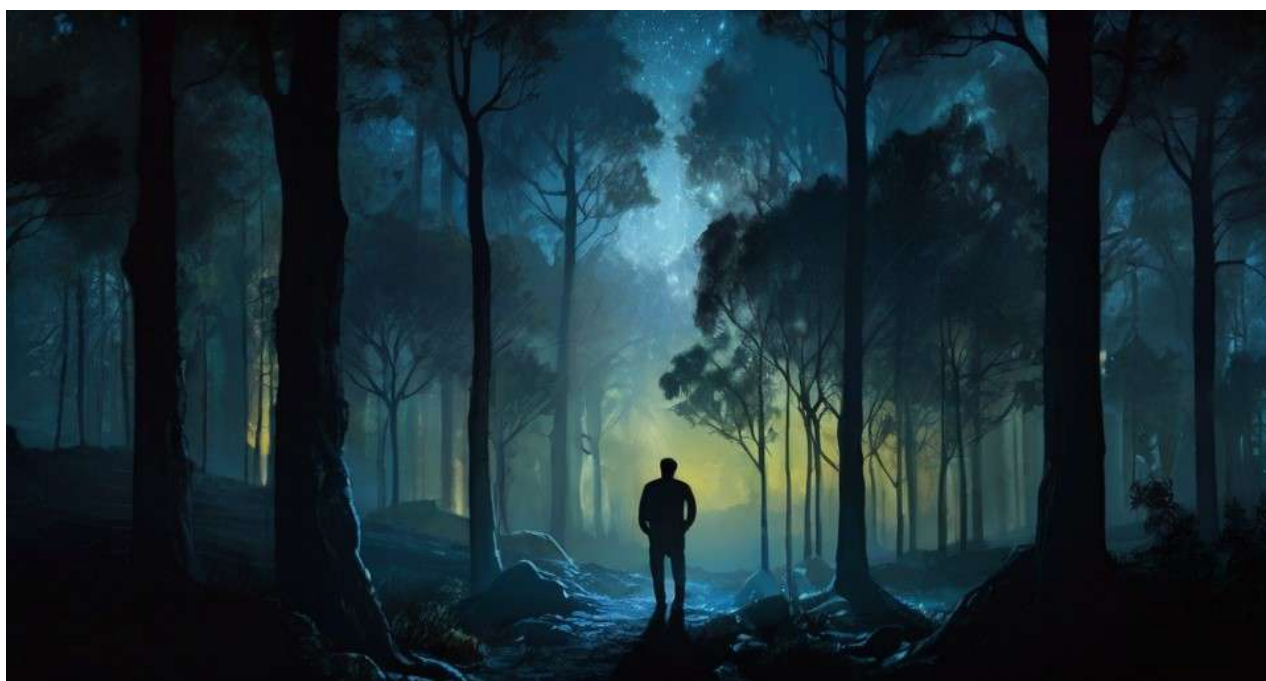
SERRA MÃE

A gente tinha masé que sair dali prra fórra, tava uma noite calma e erra isse quêrra prra continuárr a sêrr, távames fárrtes do chêrrre a aleccrim do máte e fomes em dirreção à marresia p'lo chêrrre. Sentámes ali das róchas, epá vimes umas luzes a catrrapiscárr, vimes masé que nã iames térr descance. Duas embarrações a passárr um fárrdes de láde prró outrre. Tavam a fazêrr o trrabalhinhe mudes e caládes. A embarração mai canina veio em dirreção à costa logue ali da prraia, eu e o mê pprime zarrólhe esconderrames atrás das rochas prra nã sêrrmes apanhádes. Erram dois marrmanjes, levarram o matrrial prra terra e sentarrem a fumárr e a bebêrr uma minis. Quando acabarem o serrvicinhe atirrarram as garrafas contras as róchas. Apá eu até me passei e esqueci o prrigue! Alevanto me caté parrcia que táva a arrdêrr e disse - Atãõ que mérrda é esta a darrem cábe da nossa Serra Mãe, ela que vê tude e toudes, tá cá semprrre prra nós! O mê pprime começa logue arrancárr cas unhas mexilhões das róchas, mêmme zarroulhe em vez de arrancárr dois de cada vez erra um mas dos grrandes e passou me prrá mão assim num árrda. Mirrei o mexilhão bem afiáde na órrêlha dum, amandei uma foêrráda bem cerrtêrra caté caiu logue o brrinquinhe d'óurre do crrucefixe ali da arreia molháda. O desgrraçáde começou a deitárr sangue desmaiou e o outrre ficou asustáde, táva escurrre e trrupçou dum ourrice e acabou ca frronha duma alfurrêca, ficou com uma urrticárrria instan-

tânea tipe nesquick. Nunca uma alfurrêca tinha side assim beijada.

Fomes dali prra fórra com a alegrria de salvárr a nossa Arrábida e começámes a ouvirr as aves já pela manhã. Enfiámes novamente pela mata cerrada, sentimes a Serra da Arrábida acorrdárrnes como se fossemos crrrianças com as nossa mãezinhas a fazêrr festinhas. Apá erra masé uma esteva a ruçárrce p'las ventas dum gaije que tinhamos apanháde uma ganda tosga com aquela garrafinha de moscatel. Lá acorrdámes com uma sensação no pête de liberrdáde e possiveis sonhes concrretizádes. O piórr foi quande ê cá vi as hórras e já erram hórras d'irr dêtárr outrra vez... Apá nesse instante só me apeteceu ajoelhárr e sentir novamente a minha mãe.

Rui Garcia, setubalense, foi o criador da marca "charroque da prrofundurra", que também dá título a blogue de crónicas sadinas. É autor das obras *Charroque da Prrofundurra - O Livrrro* (2010), *Charroque da Prrofundurra volta à purrsefice e Dicionário Charroque* (2011), *Apá Sóce... deslárrigame da mão!* (2014), *Frráses Sádinas* (2018) e *Charroque da Prrofundurra - As melhórrres histórrrias* (2022).



**António Cardoso Ferreira**

Natural de Setúbal, onde nasceu no final da década de 1940, António Cardoso Ferreira é o mais velho de quatro irmãos. Enquanto estudante, um professor de Filosofia desafiou-o para fazer um trabalho sobre a obsessão da morte em Sebastião da Gama, o que foi uma porta aberta para a entrada na poesia, manifestação artística que o deslumbrou e apaixonou.

Formado em Medicina, entre 1975 e 2009 dedicou-se à saúde pública, optando pelas regiões do interior do país — Paredes de Coura, Aljustrel e Gouveia foram os seus poisos, onde desenvolveu também acção social comunitária, uma das vertentes fortes da sua vida desde que, enquanto estudante, foi levado por um professor a visitar famílias que habitavam bairros de lata.

O lado rural e comunitário, a participação em campanhas de alfabetização de adultos pelo método de Paulo Freire, a valorização do ser humano, a acção social e a participação no movimento associativo constituem pilares essenciais no seu percurso (já reconhecido pelo Ministério da Saúde com a atribuição da medalha de ouro), orientado pelo princípio de “saber ler e escrever a vida” (como disse numa entrevista), em que não falta a poesia - lida, mas também escrita.

“Paisagem com mulher a regar”, escrito em Gouveia em 2000, e “Da Serra-Mãe à mãe do amor”, nascido em 2011 na Arrábida, ambos mostrando uma sensibilidade inspiradora, num quadro em que o lirismo assenta sobre a simplicidade e sobre a esperança, são dois textos de António Cardoso Ferreira que partilhamos com os leitores.

João Reis Ribeiro



António Cardoso Ferreira

Da Serra Mãe à Mãe do Amor

Entro no branco convento
 Sento-me num recanto
 e fico por ali
 a ouvir o vento
 a beber o verde
 a beijar o azul
 a pairar no tempo

Levanto-me e leio
 poemas dum livro
 ao desafio
 com a música cantada pelos pássaros

Calo-me no momento
 em que a paz de Deus
 inunda de luz a tarde

Fecho então os olhos
 e descubro
 como é fundo o silêncio que procuro
 onde possa sentir intimamente
 o fluir do Amor
 animando o mundo

Amábida, junho de 2011

António Cardoso Ferreira



António Cardoso Ferreira

Paisagem com Mulher a regar ¹

À clara luz do fim da tarde
 uma mulher
 encharca de esperança a hortelã
 como se a ternura se entornasse
 de ambas as suas mãos

Descendo do dorso da montanha
 a paz desliza devagar
 trazida pela conversa dos pássaros
 e pela corvada cantada dos ribeiros

No olhar da mulher
 baila tranquilo um brilho de alegria

Talvez só Deus esteja a aperceber-se
 que o mundo avança e se transforma
 bebendo o jorro de luz
 que passa por ali...

Gouveia, Julho de 2000
 António Cardoso Ferreira



A Beleza da Água - O Museu de Marinha e João Vaz

Isabel Melo



Decorreu no Museu da Marinha a exposição “A Beleza da Água - O Museu de Marinha e João Vaz”, que esteve patente ao público de 22 de julho a 31 de dezembro de 2023. Esta exposição temporária visou uma homenagem ao pintor João Vaz, enquadrando-se nas celebrações do 160.º aniversário do Museu de Marinha.

“A Beleza da Água - O Museu de Marinha e João Vaz” teve a curadoria de Paulo Santos e de José Alexandre de São Marcos e a inauguração contou com a presença do Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Henrique Gouveia e Melo, entre outras entidades. Teve a LASA a oportunidade de ter a 19 de Dezembro uma detalhada visita guiada à exposição pelos próprios curadores, na sequência de uma solicitação feita pela nossa Presidente da Assembleia Geral, Maria Helena Fragôso de Mattos.

Disse José Alexandre de São Marcos que o Museu da Marinha dedicou esta exposição a João Vaz, “a quem tão honestamente soube expressar da vida portuguesa uma tão importante presença e característica, a proximidade das águas

e as actividades marítimas”.

A exposição dividiu-se em cinco núcleos, desde a biografia do autor, passando por representações de água e de embarcações e terminando nas homenagens já feitas ao pintor.

João Vaz, pintor naturalista (1859-1931), nasceu em Setúbal, revelando nas suas obras uma forte ligação ao Mar. Pode-se dizer que foi um dos mais insígnis pintores da sua geração, na transição do século XIX para o século XX. Frequentou a Academia de Belas-Artes de Lisboa em 1872, completando o curso em 1878. Diz-se que foi na «escola» do Grupo do Leão e como discípulo de Silva Porto e de Columbano, que realmente se formou e revolucionou a arte portuguesa no século XIX. Não tendo alcançado bolsa para completar os estudos no estrangeiro, viajou por Madrid e Paris, na companhia de António Ramalho.



A Beleza da Água - O Museu de Marinha e João Vaz



João Vaz, Ribeira do Livramento, Setúbal

João Vaz distinguiu-se como marinheiro, pintando essencialmente o Tejo e o Sado, rio que banhava a sua cidade natal. Pintor da primeira fase do Naturalismo, realçou um aspeto fundamental da cultura portuguesa, o mar, as praias, os rios, as “águas belas”, numa abordagem tranquila de contemplação e de luz.

A sua obra de pintura e a suas “Marinhas” revelam uma fortíssima ligação ao mar e à maritimidade da sua época. Enquanto pintor Naturalista itinerante, com essa temática fortemente ligada ao mar e às diversas atividades marítimas, captou nas suas telas o país de norte a sul e pintou de forma extraordinária essa ligação dos portugueses, absorvendo a sua luminosidade e uma população em constante labor, deixando-nos verdadeiros relatos de carácter histórico e social.



João Vaz, O cais de Setúbal

Encontra-se representado em vários museus portugueses. São da sua autoria os painéis na Sala dos Passos Perdidos, na Assembleia da República, alguns painéis no Museu Militar de Lisboa, em Santa Apolónia, e vários quadros de grandes dimensões em exposição no Museu de Marinha. Fez decorações (colaborando várias vezes com António Ramalho), para o Museu de Artilharia, para a Escola de Medicina, para a Cervejaria Leão de Ouro, para o Palácio das Cortes, para o Hotel do Buçaco, etc. Desde 1884 foi professor de desenho das Escolas Industriais e director da Escola de Afonso Domingues em Xabregas e na Escola de Gil Vicente

em Setúbal. Viajou intensamente por Portugal, pela Europa e Brasil, onde realizou exposições.

A coerência da sua pintura é apreciada não só pela sua qualidade pictórica, mas também pela atmosfera que soube captar e serenamente transmitir, correspondendo à identidade portuguesa.

A crítica portuguesa apreciava a sua pintura, notando uma evolução positiva ao longo dos anos. Ganhou o primeiro prémio e o prémio de honra da Sociedade Nacional de Belas-Artes, respetivamente em 1915 e 1916, e fez parte do Grupo do Leão desde a sua génese. Expôs no Grémio Artístico e na Sociedade Promotora das Belas Artes, com óleos e aguarelas, e foi professor de Desenho e diretor da Escola Industrial Afonso Domingues em Lisboa, desde 1884. Fez a decoração de algumas igrejas, teatros (Teatro Garcia de Resende, em Évora, e Teatro Rainha D. Amélia, em Setúbal) e palácios (Palácio Hotel do Buçaco, Palácio de São Bento e Palácio de Belém, algumas vezes em colaboração com António Ramalho), mas a sua obra principal é a pintura de cenas marinhas (sobretudo dos rios Sado e Tejo). Apesar de esta ter sido a sua tendência natural, também se dedicou à pintura de interiores de igrejas (Igreja de Jesus e Mosteiro de Jesus em Setúbal) e paisagens (Torre das Cabaças de Santarém, Manhã no Algarve e Povoação à beira do rio).

Em 1921, João Vaz teve um papel interessante na «Questão dos Novos». José Pacheco (sócio da Sociedade Nacional de Belas-Artes) promoveu uma campanha com o objectivo de fazer entrar para a Sociedade alguns artistas e outras individualidades ligados à corrente modernista. A atitude de José Pacheco foi mal recebida e os novos sócios foram recusados, obtendo, contudo, o apoio de João Vaz. Este abandonou a reunião da assembleia geral, em sinal de protesto contra a não admissão de novos sócios. Neste contexto, foi promovido um banquete de homenagem ao «ilustre Pintor João Vaz, pela nobre atitude deste artista na última assembleia geral da S.N.B.A.».



João Vaz, Barcos de pesca no rio Sado



A Beleza da Água - O Museu de Marinha e João Vaz



João Vaz, Setúbal

Na exposição “A Beleza da Água - O Museu de Marinha e João Vaz” estavam representadas muitas marinhas, representativas de várias partes do país, mas muito especialmente do Sado e Tejo. Também se apresentava o Cais das Colunas (Lisboa, 1914). Constavam ainda Naus de viagem dos portugueses para a Índia e algumas curiosidades como “arca dos Gama” e Altar portátil que, segundo a tradição, terá acompanhado Vasco da Gama a bordo da nau “S. Gabriel” na viagem de descobrimento do caminho marítimo para a Índia em 1497. Várias telas a óleo de grandes dimensões sobre Espinho, Aveiro, Setúbal, Portimão, que mostravam a faina marítima, povoações à beira do rio, barcos e praias. De Setúbal ainda, uma belíssima pintura sobre o Mosteiro de Jesus, com uma procissão à frente da porta de estilo manuelino, piteiras de Setúbal, praias e várias embarcações comerciais.

A exposição temporária, “A beleza da água – O Museu da Marinha e João Vaz”, em exibição de 22 de julho a 31 de dezembro de 2023, pretendeu estabelecer, uma vez mais, a memória e a obra do pintor setubalense, dando aos visitantes nacionais e estrangeiros a clara surpresa ou o reencontro com a sua pintura.





A “Memória da Água” inspira novo filme de Alberto Pereira

Alberto Pereira deu já início à produção do seu novo filme. Inspirado na crónica “A Memória da Água”, o filme mergulha no Rio Sado, desde a nascente à foz, e nas memórias guardadas no imenso ventre líquido do seu estuário.

“Os rios escorrem por montes e vales na ânsia do mar imenso. Desde a nascente, na Serra da Vigia, às portas de Ourique, até ao amplo estuário que enlaça, numa bojuda baía, a cidade de Setúbal e a Península de Tróia, o Sado é fiel a este velhíssimo adágio. Ele trepa, ligeiro e rumorejante, Alentejo acima, buscando o aconchego do vasto ventre do Atlântico. Essa água, que vem dos confins das serranias alentejanas até às margens troianas e sadinas, é um ser vivo com memória.”

O personagem central do filme é um fotógrafo que parte em busca dos antigos barcos brancos de madeira que, no passado, transportaram milhares de pessoas entre Setúbal e Tróia, e, hoje, jazem, abandonados, num areal suburbano e solitário da Mitrena.

“No fluir dos anos, que se vestem de acordo com as modas dos tempos, há um lugar para a novidade. E há um lugar para a memória. Um futuro sem memória é um lugar sem futuro. Felizmente, os velhinhos barcos, que fecem na esquecida Rampa das Baleias, entre eles, o “Recordação”, memória amarga e esquecida a desfazer-se numa praia solitária, vivem eternamente na memória do azul estuarino do Sado. Porque a água, contrariamente aos homens que usam e esquecem as coisas que lhe foram úteis, tem memória e futuro”.

Salvador Peres



Nuno David, Salvador Peres, Alberto Pereira e João Completo

A equipa que vai dar corpo ao filme: realização, guião, banda musical e actores



Serra Minha - Portefólio Fotográfico

José Alex Gandum

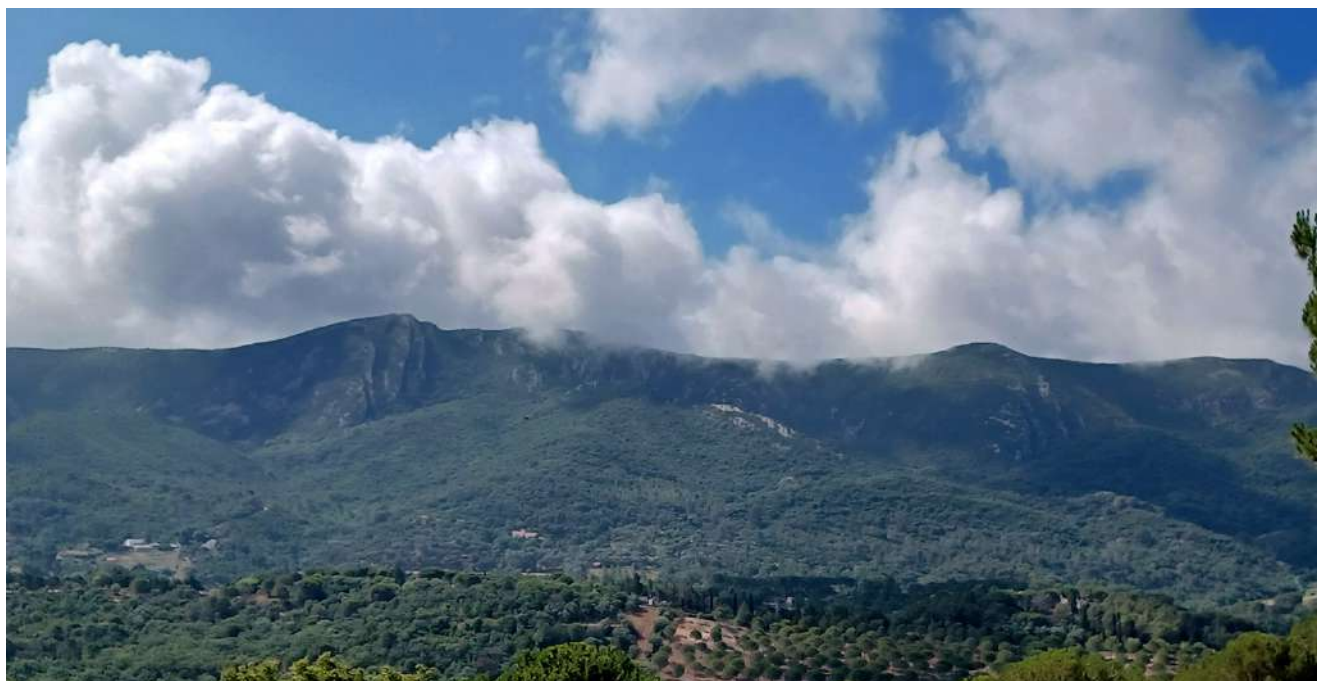
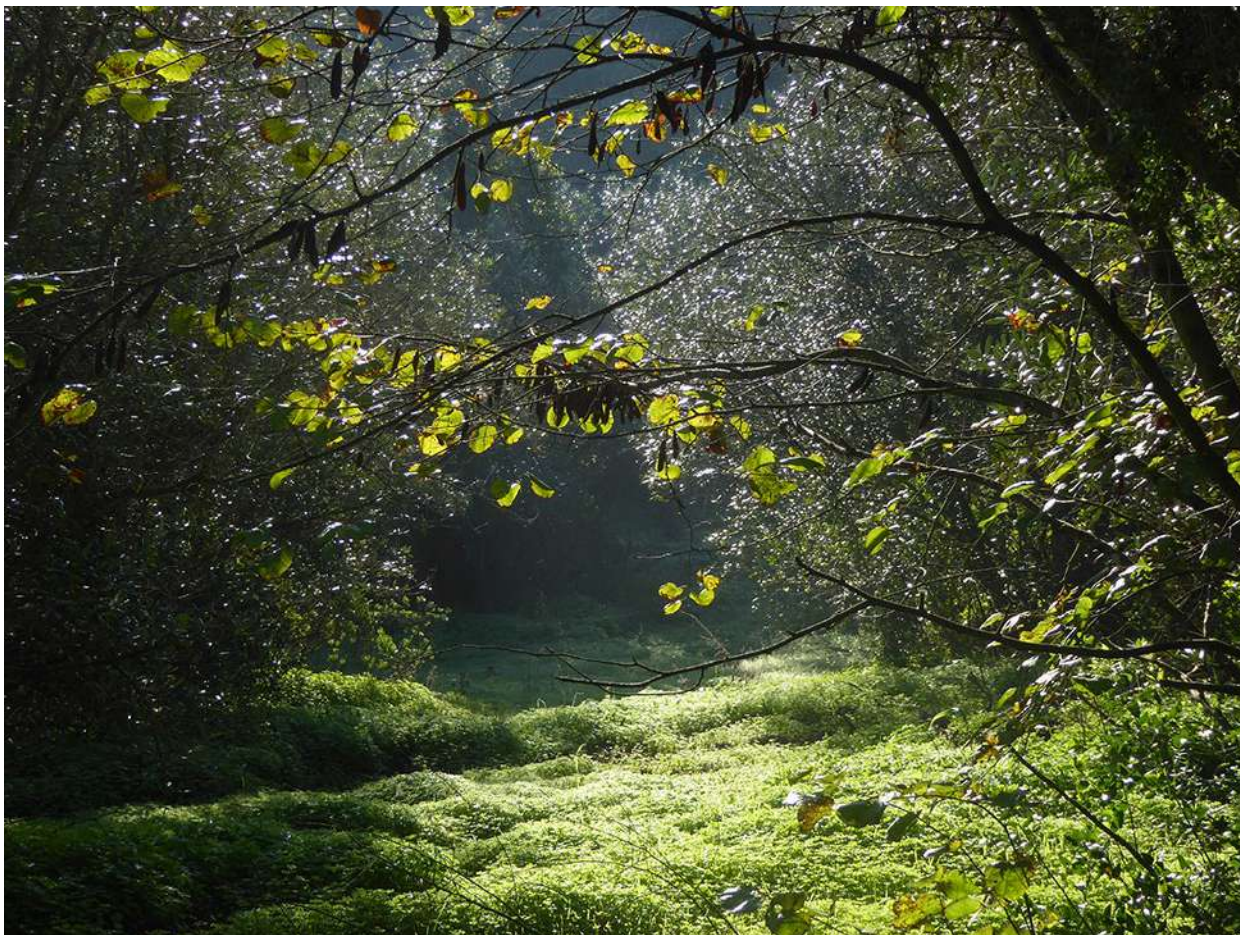
José Alex Gandum é jornalista mas o seu gosto pela fotografia tem-lhe proporcionado oportunidades de fazer diversas Exposições, algumas em Setúbal, tendo participado mais recentemente na Exposição colectiva 'A Espiritualidade da Arrábida', inaugurada há poucos meses no MAEDS e que agora está na Igreja de São Sebastião. Neste portefólio reuniu algumas das suas fotos sobre a sua 'Serra Minha', que no fundo é a Serra da Arrábida que tanta magia e mistério exerce em todos que a demandam. Foi jornalista no Semanário Expresso e em diversas revistas e jornais de Ambiente. Actualmente está mais dedicado à escrita mas mantém a sua paixão pela Fotografia.





Serra Minha

José Alex Gandum





Serra Minha

José Alex Gandum





Serra Minha

José Alex Gandum





Serra Minha

José Alex Gandum





Serra Minha

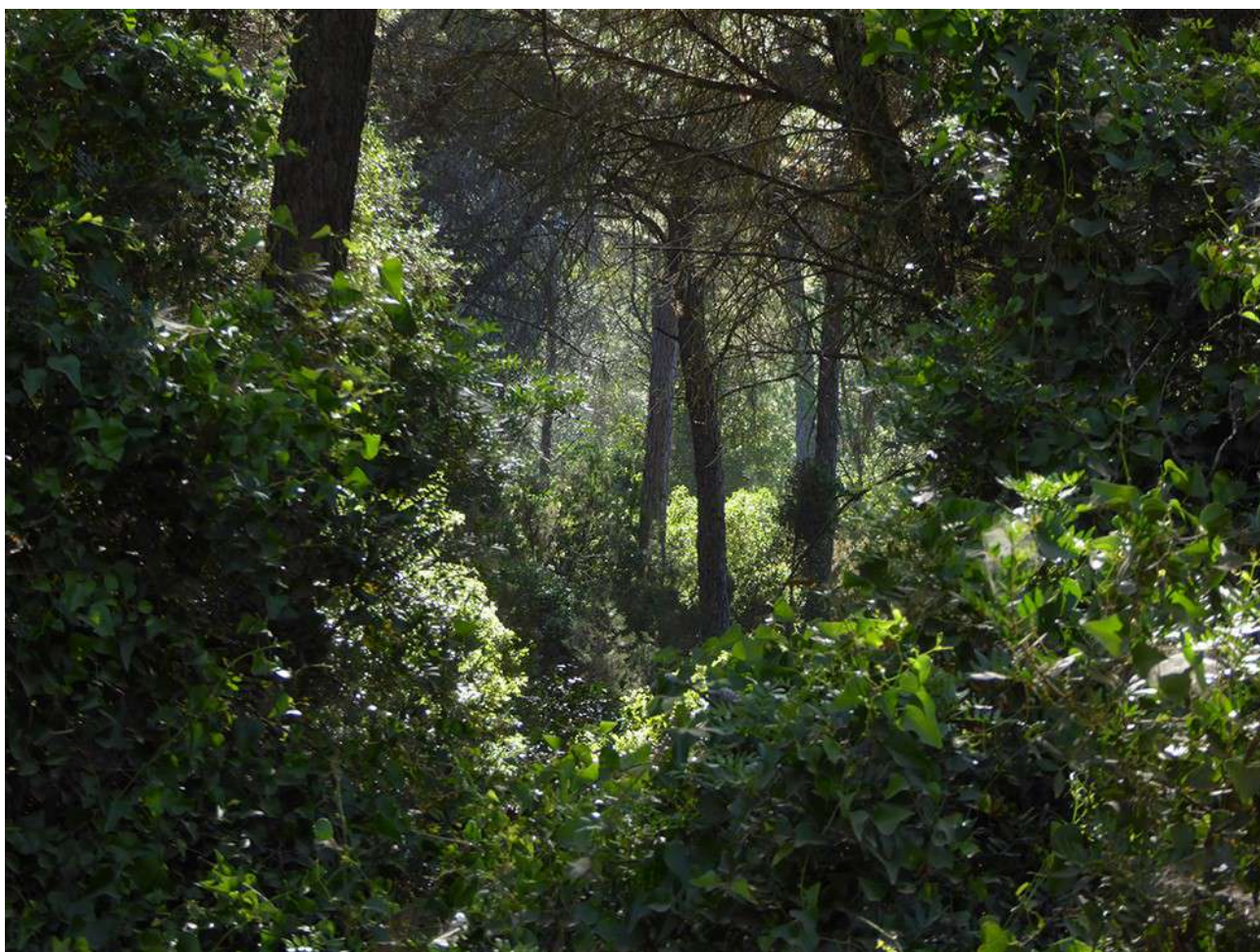
José Alex Gandum





Serra Minha

José Alex Gandum





Vilharigues

José Antunes



Numa daquelas limpezas que habitualmente se fazem aos papéis guardados sem qualquer finalidade à vista, deparei-me com um apontamento que tomei, já lá vão uns bons anos, no seguimento de uma conversa com o saudoso Dr. Machado Luciano (neste dia em que escrevo faria 89 anos). Nessa ocasião, veio à baila a minha prática quase obsessiva de frequentar as termas de S. Pedro do Sul.

- Ah! exclamou o Dr. Luciano, tenho um amigo aí para esses lados, numa localidade chamada Vilharigues, conhece?

- Nunca lá fui, mas tenho bem presente que já perto de Vouzela há uma placa que indica a direcção dessa localidade.

- Então quando passar por lá procure o meu amigo e diga-lhe que lhe mando um abraço.

- Fique descansado que assim farei.

E fiz. Numa tarde calma e pachorrenha de Setembro de 2017, lá fui, com a minha mulher, de S. Pedro do Sul para Vilharigues, em busca do tal amigo do Dr. Luciano, de cujo nome já não me lembro, nem encontrei dele registo.

A entrada da aldeia pareceu-me prometedora: logo no início, do lado esquerdo da rua principal, uma construção moderna, espaçosa e com piscina. Turismo de habitação, pensei logo.

Continuei pela rua adiante na expectativa de encontrar alguém a quem perguntar onde seria a casa do dito senhor. Nem vivalma. Silêncio absoluto e puro. Dei uma volta, passei pela igreja onde não pude entrar por estar fechada. Desanimado, iniciei o regresso, mas com a intenção de

voltar, porque desistir à primeira tentativa não fica bem a ninguém. E eis senão quando surge uma pessoa atravessando a rua, mais propriamente um caminho alcatroado. Salvação à vista. Dirigi-me à senhora e expliquei-lhe a razão da minha presença naquele lugar.

- Conheço bem o senhor doutor de que me fala, tem casa ali em baixo, mas não deve lá estar, costuma ir para a Assembleia da República, mas vamos lá à casa dele que é aqui perto.

Lá fomos. No percurso a senhora não parava de falar, até parecia que tinha sido um bem o meu aparecimento por lá. Contou a sua carreira docente na Póvoa de Varzim, o seu casamento, a sua reforma, o seu regresso a Vilharigues onde nascera, o negócio do aviário que terminou com a epidemia da peste aviária, a viuvez, enfim, a sua vida naquela sua terra.

Chegados ao destino, a casa, antiga e bem tratada, estava deserta, como era previsível. Mas, entretanto, chegou um automóvel donde saiu uma jovem senhora.



Vilharigues

- Olha é a sobrinha!

Dirigimo-nos à recém-chegada e, feitas as apresentações e tendo explicado ao que ali ia, transmiti o recado à sobrinha com o pedido de que o fizesse chegar ao destinatário. De regresso ao local onde tinha deixado o carro a conversa continuou e parecia não ter fim, mas teve que acabar, suavemente.

A despedida da prestável senhora não foi fácil. Com uma enorme amabilidade convidou-nos para entrar em sua casa, quis oferecer-nos fruta e produtos da horta. Receoso de poder magoar tamanha bondade, recusei conforme pude as ofertas que me eram propostas e parti.

Mas, antes de deixar a terra quis dar uma olhadela a uma torre que lá do alto domina a paisagem e que já me tinha chamado a atenção.

Entrando por uma ruela estreita onde mal cabia o carro e com o receio de que viesse outro em sentido contrário, atingi o terreiro onde se ergue a dita torre.

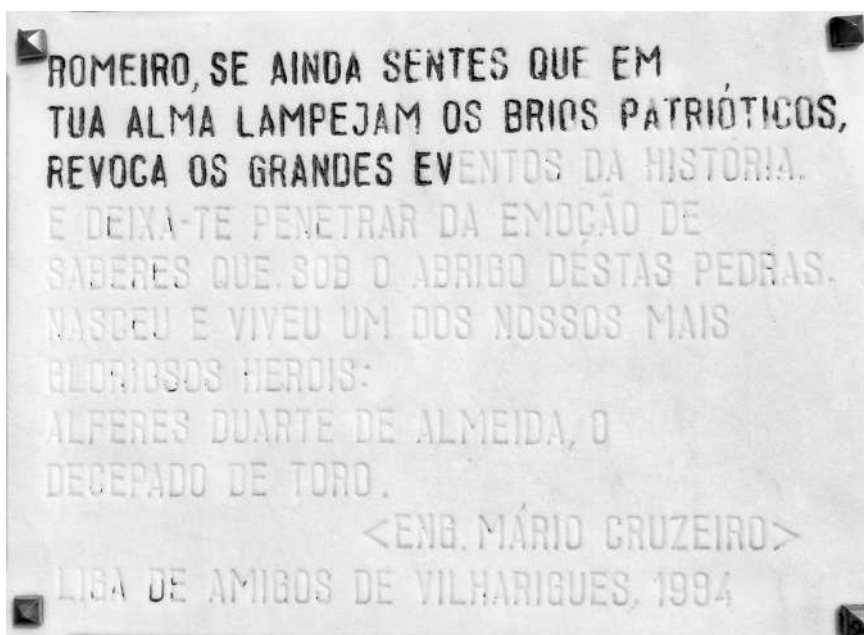
É uma torre quadrada, metade de pedra medieval, metade de novíssima matéria metálica e vidro, de alto a baixo. Ao redor dela sinais ainda frescos de possíveis ajuntamentos festivos. A paisagem que dali se alcança estende-se pela zona de Lafões e é bonita. Até aqui nada de especial, mas, circulando à volta do monumento, deparo-me com uma placa de pedra encastrada na rocha que serve de base à torre. Diz a placa que "...sob o abrigo destas pedras nasceu e viveu um dos nossos mais gloriosos heróis: Alferes Duar-

te de Almeida, o Decegado de Toro...". Bem, a placa diz que nasceu ali, mas há outras hipóteses quanto ao local que viu nascer este herói. De qualquer modo foi um pequeno encontro com a história, aquela história que dos bancos da escola nos encheu o imaginário e nos fez recriar heróis e batalhas.

Se do Decegado todos mais ou menos temos conhecimento ou ouvimos falar, o mesmo não acontece com um conterrâneo seu (daquela zona onde a dita placa diz que nasceu) de nome João Ramalho, entre nós pouco conhecido, mas foi nele que Martim Afonso de Sousa se apoiou para a fundação do que é hoje a cidade brasileira de S. Paulo. Não foi pessoa muito considerada pela Companhia de Jesus no Brasil, especialmente o padre Manuel da Nóbrega, pois tinha muitas mulheres e muitos filhos (...) e as suas festas são de índios e assim vivem (ele e toda a numerosíssima prole) andando nus como os mesmos índios.

Para o seu quase esquecimento, Jaime Cortesão tem outra explicação, que não aquela que se pode deduzir do seu relacionamento com a Companhia de Jesus: "incorporado às tribos e chefe tribal, ele participou da cultura nómada da sua vasta parentela e correu por certo aventuras descobridoras que a história ignora, porque ao mergulhar na tribo, caiu no grande silêncio da pré-história".

Este desvio de um caminho habitual levou-me ao encontro com o Decegado em Vilharigues e com o João Ramalho lá no Brasil. Deambulações privilegiadas.





Comemoração dos 50 anos do 25 de Abril de 1974

José Aguiar Lança-Coelho



Iniciemos um percurso na História de Portugal, que tem como finalidade, comemorar o 25 de Abril de 1974, rememorando todas as tentativas de pôr fim à Ditadura Militar iniciada pelo general Gomes da Costa, em Braga, a 28 de maio de 1926. Chamaremos, então, a cada acontecimento, “25 de Abril”, uma vez que os militares que os levaram a cabo, tinham os mesmos propósitos dos que nos restituíram a liberdade e a democracia.

O PRIMEIRO 25 DE ABRIL

Tudo começou no Porto, no dia 3 de fevereiro de 1927, quando um grupo de oficiais e civis democratas se revoltaram contra a ditadura militar. O regimento de Caçadores 9, reforçado com efetivos de Cavalaria 6 e uma companhia da GNR, comandado pelo general Sousa Dias, dirigiu-se à Praça da Batalha, onde prenderam o comandante da Região Militar do Norte e o governador civil do Porto. A 4, enviaram uma mensagem ao general Carmona, presidente da República, dizendo que pretendiam derrubar o governo e reintegrar o país dentro do regime democrático constitucional. O ministro da Guerra, coronel Passos e Sousa, reagiu às intenções dos revoltosos, mandando o navio ‘Infante de Sagres’ com tropas e material para Leixões, ao mesmo tempo que, se dirigiu a Vila Nova de Gaia com o objetivo de assumir o comando das forças governamentais. Os combates fizeram cem mortos e quinhentos feridos. Finalmente, a 8, Sousa Dias sem nada poder fazer, enviou dois homens da sua confiança ao quartel-general do inimigo nas Devesas, para negociar a sua rendição. No dia anterior, 7 de Fevereiro, a revolta começou em Lisboa, chefiada por

Agatão Lança, que contou com a participação de efetivos reduzidos do exército, marinha, GNR e civis armados. Estes levantaram barricadas na Rua da Escola Politécnica e aí aguentaram dois dias, ao fim dos quais, o ministro da Guerra voltou do Porto para chefiar o ataque final. Os democratas renderam-se quando as suas munições se esgotaram. Os civis apanhados de armas na mão foram fuzilados junto ao chafariz do Largo do Rato. Em Lisboa, contam-se setenta mortos e quatrocentos feridos.

Mas a sangria não ficou por aqui, pois a 15, o governo através de decreto, demitiu todos os funcionários públicos, direta ou indiretamente, envolvidos nos movimentos «revirahistas» de 3 a 10 de fevereiro. Ao mesmo tempo, extingue as unidades do Exército e da GNR que, total ou parcialmente, tomaram parte nesta revolta, bem como, as organizações políticas ou cívicas que nela participaram. É assim que, Jaime Cortesão e Raul Proença, fundadores do «Grupo Seara Nova», são demitidos, respetivamente, dos cargos de diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa e de diretor dos Serviços Técnicos da mesma biblioteca.

Mas houve mais revoltas contra a Ditadura...



Comemoração dos 50 anos do 25 de Abril de 1974

O SEGUNDO 25 DE ABRIL

A 1 de Junho de 1928, Salazar continua com a sua política de, como diz o adágio popular, «dar uma no cravo e outra na ferradura» e assim, publica um decreto sobre incompatibilidades e acumulações de cargos, com objetivos moralizadores e propagandísticos, uma vez que, ao eliminar alguns «tachos» altamente remunerados, de onde come a alta burguesia, obtém o apoio popular. Porém, nem todos se deixam iludir com estes «gestos magnânimos»

Quem também não se deixa iludir é o Batalhão de Caçadores 7 sediado em Lisboa, - além de outros regimentos espalhados por várias cidades como Setúbal, Castelo Branco, Pinhel, Guarda, Barreiro, Entroncamento e Vila Nova de Gaia, sempre apoiados por civis - , que, entre 20 e 21 de Julho de 1928, iniciam um movimento militar contra a Ditadura militar, mas que é rapidamente dominado, sendo presas dezenas de pessoas.

O TERCEIRO 25 DE ABRIL

A 4 de Abril de 1931, Revolta na Madeira. Iniciou-se, hoje, neste Arquipélago e, não deverá terminar tão depressa a proclamada «República da Madeira», resultante da união de deportados republicanos com as forças locais desafetas ao regime. A 7 de abril, com início em Angra do Heroísmo e, expandindo-se para S. Miguel, Graciosa e S. Jorge, rebentou uma revolta nos Açores contra a Ditadura Militar, no entanto, os revolucionários foram vencidos, o que não obsteu a que, estes últimos, se juntassem aos seus congéneres da Madeira e Guiné. Também em Lisboa e no Porto, se verificam manifestações estudantis e populares de protesto. Todas elas foram rapidamente reprimidas por militares leais ao Governo e por forças policiais. Verificam-se inúmeras prisões, deportações e demissões da função pública. Também as unidades militares que lutaram pela democracia são dissolvidas.

O QUARTO 25 DE ABRIL

A 26 de agosto de 1931, rebentou uma revolta na capital,

contra a Ditadura Militar, liderada pelos coronéis Ultra Machado e Hélder Ribeiro. Após serem derrotados, alguns revolucionários fugiram para Espanha, como são os casos do civil Manuel Vasques e do capitão Américo Sanches que levaram os seus aviões de combate. Verificaram-se verdadeiros atos de guerra civil, com barricadas e fogos de artilharia, que culminaram em dezenas de mortos e milhares de feridos e prisioneiros, contando no Continente, com a participação da classe operária das cidades e das suas organizações.

O QUINTO 25 DE ABRIL

A 27 de Novembro de 1931, o Regimento de Infantaria de Bragança revolta-se contra a Ditadura militar, mas também não consegue os seus intentos. Embora tivesse como finalidade agregar unidades do Norte e atingir o Porto.

A 30 de novembro, apreendido a Sarmento Beires o «Projeto de Plataforma de Frente Única das Forças Populares Motoras da Democracia», um programa unitário de tendência socialista negociado, no primeiro semestre do ano, no exílio galego.

O SEXTO 25 DE ABRIL

A 28 de Novembro de 1933, numa nota oficiosa da Presidência do Conselho, é revelado que estava marcado para a noite de 20 para 21 deste mês, um movimento revolucionário, que as autoridades desarticularam.

Foram feitas diversas detenções, entre as quais está o aviador Sarmento de Beires.





Comemoração dos 50 anos do 25 de Abril de 1974

O SÉTIMO 25 DE ABRIL

A 18 de Janeiro de 1934, ocorreu um dia de luta operária na defesa dos sindicatos livres e contra a sua corporativização, sendo a sua organização assegurada pela CGT e o PCP. A greve revolucionária não é geral como estava previsto, embora ocorram algumas ações contra o regime: cortes de linhas férreas em diversos locais do país; greves de corticeiros, descarregadores e motoristas em Almada; sabotagem da central elétrica de Coimbra e de máquinas na Fábrica de Material de Guerra, em Braço de Prata. Na Marinha Grande trabalhadores armados dominam a vila durante algum tempo, invadindo a Câmara Municipal, os correios e o posto da GNR, organizam-se e resistem às forças militares que, vindas de Leiria, cercam a localidade e sufocam a rebelião. Salazar refugia-se no Governo Civil de Lisboa e depois no Regimento de Caçadores nº5. O ministro do Interior anuncia a prisão de dezenas de “perigosos indivíduos” em vários pontos do País, como Lisboa, Setúbal, Coimbra, Marinha Grande, sendo apreendidas bombas e diverso armamento nesta última e na capital do País.



O OITAVO 25 DE ABRIL

A 10 de setembro de 1935 verifica-se a oitava tentativa de derrube do Estado Novo, através de um golpe efetuado por militares e civis.

Liderado pelo comandante Mendes Norton, a que se juntaram militantes republicanos, e até apaniguados do nacional-sindicalismo, integrando Rolão Preto, tinha como objetivo estratégico obrigar o presidente da República Óscar Carmona a demitir o presidente do Conselho de ministros Oliveira Salazar.

O golpe não conseguiu os seus intentos, verificando-se uma multiplicidade de prisões e deportações.

O NONO 25 DE ABRIL

No ano seguinte, 1936, e também em setembro, mas a 8, verifica-se nova tentativa de derrube da Ditadura salazarista, que tem também como objetivo denunciar publicamente o apoio prestado por Salazar aos «nacionalistas-fascistas

-franquistas» espanhóis, enquanto se tenta criar condições para a eclosão no nosso país de uma revolução «popular, democrática e socialista».

Marinheiros da ORA (Organização Revolucionária Armada) – estrutura político-militar clandestina ligada ao PCP – ocupam os navios de guerra «Dão», «Bartolomeu Dias» e «Afonso de Albuquerque», fundeados no Tejo frente a Lisboa.

A revolta foi rapidamente anulada com a intervenção da aviação, saldando-se com a morte de dez dos revoltosos durante os combates, e a prisão de sessenta, sumariamente julgados e deportados para o Tarrafal, onde foram presos longos dias na famigerada «Frigideira».

O DÉCIMO 25 DE ABRIL

A 4 de julho de 1937, o décimo golpe para erradicar a Ditadura, entronca no atentado à bomba levado a efeito em Lisboa por militantes anarquistas.

Salazar deslocava-se todos os domingos, a casa de um amigo que tinha capela, onde assistia à missa dominical. Os anarquistas prepararam nesse local uma enorme quantidade de explosivos que fizeram deflagrar, quando o ditador saía do automóvel. A explosão que produziu uma enorme cratera no chão e partiu inúmeros vidros das residências nas proximidades, acabou por empurrar o ditador para dentro da viatura, não lhe causando danos de maior.

Durante a tarde deste dia, a Legião Portuguesa e a Mocidade Portuguesa fizeram desfiles de homenagem ao ditador e de «repúdio do comunismo e de todas as doutrinas subversivas».

O DÉCIMO PRIMEIRO 25 DE ABRIL

Em janeiro de 1945, a menos de meio ano do final da IIª Guerra Mundial (8 de maio de 1945), foi desativada uma tentativa de golpe militar contra o Estado Novo, planeada por elementos de uma coligação que reunia os setores liberais dos meios monárquicos e alas mais conservadoras da oposição à Ditadura do Estado Novo.

O DÉCIMO SEGUNDO 25 DE ABRIL

Ainda em 1945, mas já depois da derrota nazi, isto é, no mês de agosto, fracassa uma tentativa de golpe militar contra o Estado Novo, dirigida pelo general Norton de Matos, um dos mais destacados oponentes republicanos ao regime fascista português.



Comemoração dos 50 anos do 25 de Abril de 1974

O DÉCIMO TERCEIRO 25 DE ABRIL

Entre 5 e 10 de outubro de 1946, aproveitando a comemoração do 36º aniversário da Revolução da instauração da república de 5 de outubro de 1910, realizam-se manifestações contra o Estado Novo e em defesa da instauração de um regime democrático.

É neste contexto que, o Regimento de Cavalaria 6 partindo do Porto, sob o comando do capitão Fernando Quiroga, é derrotado na Mealhada, gorando-se o seu intuito de derrubar a ditadura.

O DÉCIMO QUARTO 25 DE ABRIL

A 10 de abril de 1947, o governo de Salazar anula mais uma tentativa de golpe de Estado, organizada pela Junta Militar de Libertação Nacional, prendendo um grupo de oficiais de alta patente, de onde se destaca o general Marques Godinho.

É curioso notar que, este golpe contava com o apoio tácito do presidente da República, general Óscar Carmona, que passara a defender a tese de que a existência do Estado Novo não se justificava após o final da IIª Guerra Mundial.

O DÉCIMO QUINTO 25 DE ABRIL

A 6 de janeiro de 1952 são presos pela PIDE, acusados de participarem numa intentona subversiva, militares e civis pertencentes a um grupo político clandestino de matriz republicana, formado na sequência da campanha eleitoral do almirante Quintão Meireles para a presidência da República. Entre os detidos encontra-se Henrique Galvão.

O DÉCIMO SEXTO 25 DE ABRIL

A 18 de dezembro de 1958 é desmantelada uma conspiração, chefiada pelo general Humberto Delgado, que tinha como objetivo derrubar pela força o Estado Novo. A opção pela solução «putschista» resultava da impossibilidade, reconhecida de novo por todas as correntes da oposição, de alterar a situação política em Portugal através de eleições livres.

O DÉCIMO SÉTIMO 25 DE ABRIL

São presos muitos dos envolvidos num projeto de golpe militar, realizado a 11 de março de 1959, que ficou conhecido na História de Portugal, pela designação de «Golpe da Sé». A tentativa de derrube da Ditadura, foi levada a efeito pelo autodesignado «Movimento Militar Independente», que estava perto do general Humberto Delgado e contava com a cumplicidade, não só de membros do mais alto nível das Forças Armadas, mas também com a participação de um número importante de civis oriundos de diversas correntes oposicionistas.

O DÉCIMO OITAVO 25 DE ABRIL

Entre 11 e 13 de abril de 1961, o ministro da Defesa, general Júlio Botelho de Moniz, acolitado com outros importantes oficiais gerais das Forças Armadas, iniciam uma tentativa de golpe militar que visava derrubar Salazar, liberalizar e modernizar o regime, nomeando Marcelo Caetano presidente do Conselho e resolver por via negociada os conflitos nascentes em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Dominados os revoltosos, Salazar acumula a pasta da Defesa Nacional, ao cargo de presidente do conselho.



O DÉCIMO NONO 25 DE ABRIL

No último dia do ano, 31 de dezembro de 1961, o general Humberto Delgado entra clandestinamente em Portugal, com a finalidade de comandar a revolta que deverá eclodir a partir do Regimento de Infantaria 3, de Beja, que envolve militares e civis. O abortar da tentativa leva à prisão de dezenas de civis e militares, e um novo exílio do General sem medo.

O VIGÉSIMO 25 DE ABRIL

A 16 de março de 1974, eclode no Regimento de Infantaria 5 das Caldas da Rainha um golpe militar, levado a cabo maioritariamente por elementos «spínolistas» do MFA, com a intenção de assegurar o controlo da situação posterior ao eventual derrube do Estado Novo pelo general António de Spínola e seus apoiantes.

No entanto, fruto de um isolamento relativo e à falta de coordenação com outros setores do MFA, também este golpe se salda por um malogro, a que se junta a detenção de 33 oficiais, e o aumento da vigilância policial sobre os militares que a DGS (ex-PIDE) pensava serem os principais responsáveis do MFA.



Comemoração dos 50 anos do 25 de Abril de 1974

O VIGÉSIMO PRIMEIRO E DEFINITIVO 25 DE ABRIL

A 23 de abril de 1974, o major Otelo Saraiva de Carvalho, oficial escolhido pelo MFA para a coordenação operacional da concretização do golpe militar que tem por intuito o derrube do regime fascista, entrega a capitães mensageiros envelopes fechados, que contêm instruções para as ações a serem desenvolvidas na noite de 24 para 25 de abril de 74, e também um exemplar do jornal reacionário do regime, «A Época», que serviria de senha de identificação junto das unidades militares participantes.

Às 22 horas e 55 minutos do dia seguinte, 24 de abril, os Emissores Associados de Lisboa transmitem a canção «E depois do adeus», interpretada por Paulo de Carvalho, senha que marca o início das operações militares planeadas pelo MFA com o objetivo de derrubar a ditadura existente em Portugal, desde 28 de maio de 1926.

Às 0 horas e 20 minutos, o programa «Limite» da Rádio Renascença, transmite a canção «Grândola Vila Morena», que se trata do sinal confirmativo de que as operações planeadas pelo MFA estão em marcha e são irreversíveis.

De entre os diversos momentos culminantes do dia 25 de abril de 74, que ficarão eternamente ligados à História de Portugal, destacam-se os protagonizados pelo capitão Sal-

gueiro Maia, comandante da Escola Prática de Cavalaria de Santarém, primeiro, detendo no Terreiro do Paço a contra-ofensiva governamental, e depois, ao cercar o Quartel do Carmo até obter a rendição do primeiro-ministro, Marcelo Caetano, que será detido e enviado para a Madeira, juntamente com outras figuras pardas do regime deposto como, Américo Tomás, Silva Cunha e Moreira Baptista, onde passam a ter residência vigiada.

As forças militares viam-se envolvidas e apoiadas por uma multidão que os vitoriava, e vaiava os responsáveis do regime salazarista.

A Junta de Salvação Nacional presidida pelo general Spínola passa a ter as atribuições dos órgãos fundamentais do Estado, entretanto destituídos.

O MFA tinha extinguido a mais velha e conservadora ditadura europeia, marcada por contradições políticas, económicas, sociais e culturais.





Corpos Sociais LASA 2024-2026

A Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão procedeu, em Assembleia Geral Eleitoral, à eleição de novos Corpos Sociais, assumindo a Presidência da Direção a Doutora Maria Joaquina Coelho Soares, sucedendo ao Engenheiro Francisco Moniz Borba. Os novos Corpos Sociais da Instituição e plano de atividades para 2024 encontram-se disponíveis no site da LASA via as páginas (com acesso através do menu superior) Institucional/Corpos Sociais e Institucional/Plano de Atividades.

Assembleia Geral

Presidente – Maria Helena Fragoso de Mattos

1.º Secretário – António Manuel Carreira Cunha Bento

2.º Secretário – Rui Manuel Gomes Torres Farinho

Direcção

Presidente – Maria Joaquina Coelho Soares

Vice-Presidente – Maria Isabel Direito Pintão Pereira de Melo

Secretário – Pedro Miguel Lage Fernandes

Tesoureiro – José Custódio Sanchez Antunes

1.º Vogal – João Amândio da Silva Reis Ribeiro

2.º Vogal – Salvador Carlos da Cruz Peres

3.º Vogal – Maria João Fontes Pereira Coutinho

1.º Suplente – Diogo Filipe dos Santos Ferreira

2.º Suplente – Inês Maria Melo Gato de Pinho

Conselho Fiscal

Presidente – Pedro Moniz Borba

1.º Secretário – Carlos Manuel Lindo Tavares da Silva

2.º Secretário – Fernando Manuel Sousa Santos Claudino





LASA publica álbum com as 17 mais antigas fotografias de Setúbal

Um álbum com 17 fotografias captadas em Setúbal em 1867 vai ser apresentado pela LASA - Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão em breve, em data que será anunciada oportunamente.

As fotografias, da autoria de Antero Frederico Ferreira de Seabra da Mota e Silva (1821-1883), nascido em Pombal, militar no Batalhão de Caçadores 1 em Setúbal, foram conservadas num álbum que integra o acervo da Biblioteca Pública Municipal de Setúbal desde, pelo menos, 1930, conforme registo de Arronches Junqueiro, bibliotecário nessa época.

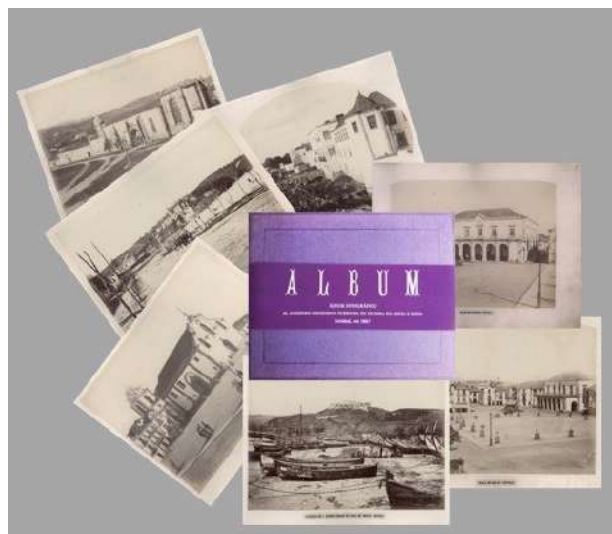
O mais vasto conjunto destas fotografias de que havia conhecimento, propriedade particular, compreende 12 reproduções e, dada a sua raridade e importância para a história da fotografia em Portugal, foi classificado “bem de interesse nacional” pelo Decreto 2/2015, de 14 de Janeiro, depois de ter sido encontrado num sótão em Lisboa, num edifício que iria ser sujeito a obras. Cinco anos depois, em investigação na Biblioteca Pública Municipal de Setúbal, o historiador local Diogo Ferreira confrontou-se com um exemplar do conjunto das fotografias de Antero de Seabra, com maior quantidade de fotografias do que as que estão classificadas - 17, em vez das 12 conhecidas. Tal “descoberta” levou ao estudo destas peças e intenção da LASA na publicação da obra, visando a divulgação do património cultural.

Preocupação do fotógrafo, já habituado a retratar outros pontos do país, foi a de registar espaços de Setúbal relacionados com a paisagem e com o património, tendo legado impressionante testemunho do que eram a cidade e seus arredores na segunda metade do século XIX, sendo possibilitado ver ao observador os paços do concelho, diversas

igrejas, o gasómetro, vários panoramas da cidade e dos arrabaldes, numa preferência do fotógrafo pela fotografia panorâmica, documentos que nos permitem hoje olhar a configuração e a evolução da cidade.

A edição da LASA reproduz em fac-símile o álbum que é pertença da Biblioteca, em trabalho de um exemplar cuidado no pormenor. A anteceder as reproduções fotográficas, Francisco Borba, Diogo Ferreira e António Cunha Bento assinam textos sobre a importância destes documentos para a história da fotografia, sobre o contexto histórico e social de Setúbal na década de 1860 e sobre o percurso biográfico e artístico de Antero de Seabra.

O “Álbum Fotográfico”, de Antero de Seabra, em edição da LASA, permite, assim, uma retrospectiva sobre o que foi a cidade em 1867.



Candidaturas abertas ao XXIII Concurso Literário "Manuel Barbosa du Bocage"

Encontram-se abertas as candidaturas ao XXIII Concurso Literário Manuel Barbosa du Bocage. A modalidade do Concurso é poesia e os trabalhos poderão ser enviados até ao dia **31 de Maio de 2024**, única e exclusivamente para o endereço: concursoliterariobocage@gmail.com. O vencedor do concurso terá direito a um prémio monetário no valor de

1.500 euros. Para consultar o regulamento completo, abra o seprador "Concursos" no canto superior direito do site da LASA, seguido da opção "Regulamentos".

Consultar Regulamento em: <https://www.lasa.pt/index.php/concursos/regulamento>



Participação da LASA nas Comemorações Oficiais do 25 de Abril de 1974



Associando-se às Comemorações Oficiais do 25 de Abril de 1974, realizou-se, no passado dia 4 de Maio, por iniciativa da LASA - Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, a conferência *A Oposição Católica ao Estado Novo em Setúbal*.

Uma temática a montante da data em celebração, que levou a assistência que enchia por completo o Salão Nobre dos Paços de Concelho a recordar, ou a passar a conhecer, situações, acontecimentos, interesses, movimentos ideológicos, e não só, que contribuíram para um ambiente e um enquadramento que possibilitaram e determinaram a acção concretizadora dos ventos de mudança...

Num registo vivo e claro, o conferencista Doutor Albérico Afonso abordou os antecedentes do 25 de Abril com isenção, objectividade e rigor, como é seu costume e apanágio de um investigador e historiador com o seu prestígio.

Presidida pela Doutora Joaquina Soares, Presidente da Direcção da LASA e pelo Presidente da Câmara, Dr. André Martins, estiveram presentes pessoas bem conhecidas da oposição católica, com acção e importância significativas nas suas áreas de influência e referenciados pela polícia política, como Carlos Lopes e Mário Moura, este último, nomeadamente com o jornal *Notícias de Setúbal*.

A complementar a narrativa do conferencista, seguiu-se um apontamento de Poesia alusiva, de Natália Correia e de Sophia de Mello-Breyner, expressivamente interpretada por Virgínia Costa, acompanhada de um muito adequado fundo de piano, por Gonçalo Simões.

Uma excelente e enriquecedora iniciativa, esta sessão da LASA!

(Gravada pelo Senhor Simões Silva, pode ser encontrada no YouTube).

M. Helena Fragôso de Mattos



LASA apresentou cumprimentos ao Senhor Bispo de Setúbal



Os novos Corpos Sociais da LASA, representados pela Presidente da Direcção, Maria Joaquina Coelho Soares e pela Presidente da Assembleia Geral, Maria Helena Fragôso de Mattos, apresentaram cumprimentos ao Senhor Cardeal Dom Américo Manuel Alves Aguiar, Bispo de Setúbal, no passado dia 10 de Maio.

Esse encontro criou também a oportunidade para dar a conhecer os principais projectos socioculturais ancorados no património cultural e natural a que a LASA se vem dedicando, e onde o património religioso ocupa efectivamente um lugar de relevo.

A LASA sublinhou a postura de articulação e colaboração que deseja prosseguir com todos os actores socioculturais da Região.

Admissão de novos sócios

Na reunião de Direcção de 20 de Março de 2024, foram admitidos os seguintes novos associados:

Antónia Coelho Soares/Rosa Nunes (nº 767), Arqueóloga e artista visual-fotografia

António Júlio Barreto Chitas (nº 769), Professor e Historiador - História Local

António Marrachinho Soares (nº 765), Advogado e activista cultural

Cândida Maria Guerreiro Pité Madeira (nº 763), Eng.ª de ambiente

Joseph Rodrigues (nº 766), Professor de artes visuais

Maria Inês Correia de Barros Vaz Pinto (nº 768), Arqueóloga

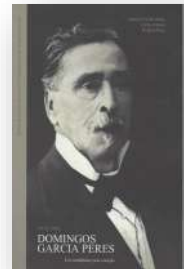
Maria José Pereira (nº 771). Professora e artista - escultora.

João Manuel Completo (nº 770), Economista e activista cultural

Maria Sara Quintino Loureiro (nº 764), Professora, Poetisa e activista cultural



EDIÇÕES LASA





Uma das vertentes em que a LASA tem intervindo é na área da edição, debruçando-se sobre estudos de carácter local. Divulgamos hoje a lista de publicações disponíveis.

“Setúbal na História” - Editado em 1990, tem participação de vários estudiosos (José Hermano Saraiva, D. Manuel Martins, Carlos Vieira de Faria, Luís Cabral Adão, Carlos Tavares da Silva, Fernando António Baptista Pereira, António Osório de Castro, Jorge Borges de Macedo, Luís de Sttau Monteiro, Carlos gomes Bessa, José Carvalho Fernandes e Fernando Cristóvão), abordando temas relacionados com a história sadina.

“Regra, Estatutos e Definições da Ordem de Sant'Iago” - Editado em 2009, é a reprodução fac-similada da obra que foi impressa em Setúbal em 1509 por Herman de Kempis.

“Casas Religiosas de Setúbal e Azeitão” - Editado em 2016, sob a coordenação de Albérico Afonso Costa, António Cunha Bento, Inês Gato de Pinho e Maria João Pereira Coutinho, reúne as comunicações sobre o mesmo tema apresentadas em colóquio realizado em Novembro de 2014, em que intervêm doze autores.

“Domingos Garcia Peres (1812-1902), um setubalense pelo coração” - Editado em 2012, tem como autores três nomes fortemente empenhados na história local de Setúbal (António Cunha Bento, Carlos Mouro e Horácio Pena) e pretendeu assinalar o bicentenário do nascimento deste amigo de Setúbal.

“Património Azulejar Religioso de Setúbal e Azeitão” - Obra de que saiu o primeiro volume, datado de 2009, recolhe, sob iniciativa de vasta equipa da LASA, marcas do património azulejar religioso da região de Setúbal e de Azeitão.

“Vilegiatura Marítima do Séc. XIX ao início do Séc. XX” - Editado em 2010, tem como autora Inês Gato de Pinho e aborda o espaço de repouso e tratamento nas praias da frente ribeirinha de Setúbal, revisitando uma obra que teve a assinatura de Ventura Terra.

“De Colégio de S. Francisco Xavier a Palácio Fryxell” - Editado em 2013 e assinado por Inês Gato de Pinho, é obra indispensável para o estudo da presença dos Jesuítas em Setúbal e para a história do designado Palácio Fryxell.

“A Casa Verde” - Editado em 2018, contém um poema do setubalense Silva Duarte (1918-2011), cedo emigrado para o Norte da Europa, em honra da casa e da terra onde nasceu e integra uma biobibliografia alusiva ao autor assinada por Fátima Ribeiro de Medeiros.

“João Almeida, o último fuzilado, e outras leituras da Grande Guerra” - Editado em finais de 2018, esta obra, que teve o apoio da LASA mas foi editada pelo Instituto Politécnico de Setúbal, congrega abordagens diversas sobre a memória portuguesa da Grande Guerra e conta a história do último fuzilado português, o soldado João Almeida.

“Património arquitectónico civil de Setúbal e Azeitão” - Editado em 2019, sob a coordenação de António Cunha Bento, Inês Gato de Pinho e Maria João Pereira Coutinho, reúne as comunicações sobre o mesmo tema apresentadas em colóquio realizado em 2018, em que intervêm vinte e cinco autores.

“Setúbal na Segunda Metade do Século XIX” - Editado em 2018, tendo como autor uma grada figura setubalense, Arronches Junqueiro, este livro estava por publicar pelo menos desde 1936. Com um labor de anos, Carlos Mouro procedeu à fixação do texto e à sua anotação, reunindo informações para cerca de 270 notas em que revela histórias e biografias nunca contadas. O livro contém ainda esboços biográficos de Junqueiro feitos por Luís Silveira e por António Joaquim Henriques.

“Setúbal e Arredores na Obra Artística do Rei D. Carlos” - Publicado em 2019, este livro-álbum, preparado meticulosamente por Francisco Borba, mostra a produção do rei-artista em que Setúbal e as suas águas são permanente personagem, numa recolha que João Borba, pai do autor e primeiro director do Museu de Setúbal, iniciou na década de 1960.

“O Bairro de Troino - contributos para a sua história” - Publicado em 2020, este livro é constituído por duas partes: a primeira, da responsabilidade dos historiadores Diogo Ferreira e João Santos, que mergulha no passado deste bairro de Setúbal; a segunda, de Eduardo Silva, contendo uma viagem memorialística às vivências da comunidade 'troineira'.

“A profecia ou a Edificação do Convento de Jesus”, de Henrique Freire - Reprodução facsimilada da obra publicada por Henrique Freire em 1864, romance que segue a estética do Romantismo, relatando um acontecimento histórico para Setúbal - a construção do Convento de Jesus. A LASA pretendeu com esta edição assinalar a reabertura do Museu de Setúbal - Convento de Jesus, ocorrida em finais de 2020.

“Álbum Fotográfico - Setúbal 1867”, de Antero Seabra.

	Sócios	Não Sócios
Setúbal na História	5 €	5 €
Regras, Estatutos e Definições da Ordem de Sant'Iago	70 €	70 €
Casas Religiosas de Setúbal e Azeitão	20 €	25
Domingos Garcia Peres (1812-1902), um setubalense pelo coração	8 €	9 €
Património Azulejar Religioso de Setúbal e Azeitão – vol. I	15 €	15 €
Vilegiatura Marítima do Séc. XIX ao início do Séc. XX	10 €	10 €
De Colégio de S. Francisco Xavier a Palácio Fryxell	20 €	26 €
Casa Verde	5 €	5 €
Imagens da Península da Arrábida...	Esgotado	
Afonso Africano...	Esgotado	
Património Azulejar de Setúbal e Azeitão	Esgotado	
João Almeida, o último fuzilado, e outras leituras da Grande Guerra	10 €	
Património arquitectónico civil de Setúbal e Azeitão	20 €	25 €
Setúbal na Segunda Metade do Século XIX	10 €	12 €
Setúbal e Arredores na Obra Artística do Rei D. Carlos	20 €	25 €
O Bairro de Troino - contributos para a sua história	18 €	
Frei Agostinho da Cruz e a Espiritualidade Arrábida	20 €	20 €
A profecia ou a Edificação do Convento de Jesus	10€	10€
Álbum Fotográfico - Setúbal 1867	A definir	A definir



A LASA-Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão é uma associação regional sem fins lucrativos, fundada em 1955, cujos estatutos definem finalidades múltiplas, todas elas orientadas para a defesa e divulgação do património cultural, ambiental e social numa perspectiva do desenvolvimento regional.